

JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO *QORPO-SANTO:

FOTO 1

***Odila Lourdes Rubin de Vasconcelos** - Nasceu em 06 de fevereiro de 1955 em Caiçara/RS, última filha de uma família italiana de 10 irmãos, pai Francisco Cesar Rubin e mãe Graciosa Luísa Gardin Rubin. Formada em Magistério pela Escola Nossa Senhora Auxiliadora em Frederico Westphalen e Letras pela URI – Universidade Regional Integrada em Frederico Westphalen. Trabalhadora aposentada da Extensão Rural – Emater/RS-Ascar, atuou em Seberi, Frederico Westphalen, Butiá, Porto Alegre e Triunfo. Foi diretora de Seguridade da FAPERS – Fundação Assistencial e Previdenciária da Extensão Rural no Rio Grande do Sul. Hoje residente em Triunfo/RS com seu esposo Antônio de Vasconcelos Rocha. Mãe de Lourelisa, Jonas e Álvaro. Idealizadora da Fundação Cultural Qorpo-Santo e defensora da importância e relevância deste nobre filho e sua obra literária e dramática. Premiada em várias edições do Concurso de Poesias Reinaldo Leal em Triunfo. Atriz amadora. Escritora de Esquetes e Peças Teatrais. Coralista do Coral IntegraSom. Escritora em Livros da série Atores Luso-Brasileiros 2020, 2021, 2022 e 2024. Coautora nas Antologias “Encantos da Lua”, “Elas São Flores”, “Natureza, Fonte de Vida”, “As Faces do Amor”, “Palavras Libertas”, “A Arte de Escrever”, “Reflexões... Histórias e Revelações”, “Homenagens” e Participação Especial em “Aos Pés das Letras”, todas produzidas pela Rio de Flores Editora – RJ. Conselheira do Conselho Comunitário Consultivo do Polo Petroquímico do Sul. Catequista de preparação para pais e padrinhos para o Batismo. Empresária na nova economia digital. @rubinodila.

Rogativa:

“Ventos levem ao mundo inteiro, versos que saem do meu tinteiro.

Brisas tragam ao meu tinteiro, versos que correm o mundo inteiro”. Qorpo-Santo

Depois de ter a oportunidade de assistir, ler inúmeros trabalhos literários, livros, ver peças teatrais e participar de palestras sobre sua vida e obra, escrever aqui pode ser um trabalho simples ou complexo, depende do ponto de vista. Vou tentar tornar essa tarefa agradável.

Considero-me uma pessoa apreciadora da obra literária e dramática de Qorpo-Santo e estar envolvida desde 2007 com pessoas que pesquisam, escrevem e encenam sua obra, isto me trouxe uma bagagem que quero compartilhar de forma generosa e quem sabe interessante.

É um privilégio poder dissertar sobre **José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo** em 2024, na década em que comemoraremos seu bicentenário de nascimento (2029).

Contexto Histórico:

Na primeira metade do século XIX, o Brasil passava por uma série de conflitos armados por disputas de território entre portugueses, espanhóis, imperiais e republicanos. Aqui na Província de São Pedro, o nosso Rio Grande do Sul teve a Revolução Farroupilha de 1835 a 1845. Triunfo, terra natal do General Bento Gonçalves, um dos grandes protagonistas desse embate e território que foi palco de vários combates, inclusive na Ilha de Fanfa onde o próprio General Bento foi preso e, incontáveis farroupilhas foram mortos ali.

Um pouco antes deste período de batalhas da Revolução Farroupilha, nasceu em Triunfo o nosso personagem José Joaquim de Campos Leão, em 19 de abril de 1829, um ariano inquieto, mas seguro de si e de suas ideias.

A família de QS:

Francisco Machado Leão, avô materno de Qorpo Santo, nascido em 1748 em Norte Grande, Ilha de São Jorge, Açores, casou-se em 1768 com Maria Joana do Nascimento, nascida na mesma ilha em

1749 e assassinada em 1819 em Triunfo, pelo escravo Joaquim – o primeiro condenado a ser enforcado em Porto Alegre em 1821. Do casamento de Francisco e Maria houve 14 filhos, dentre eles: Joaquina Maria do Nascimento, nasceu em 1793 em Triunfo. Ali, Joaquina casou-se em 1810 com Miguel José de Campos, natural de Florianópolis/SC, filho de Alexandre José de Campos e Francisca Clara Luiza. Dessa união, nasceu José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo Santo, dia 19/4/1829 em Triunfo. Seu pai Miguel José de Campos, foi um dos primeiros professores do RS, o primeiro de Triunfo e diferente do que se pensou durante muito tempo, sua família tinha sim “eira e beira”, ou seja, tinha condições financeiras e status social e eu acrescentaria, cultural.

Rua Demétrio Ribeiro nº 70 em Triunfo, foi o ambiente onde nosso menino José Joaquim nasceu, aprendeu a andar, falar, mexer nos livros do seu pai, correr e apreciar a bela paisagem e o encontro das águas do Taquari e Jacuí. Com seus irmãos deve ter brincado com bodoque para caçar passarinhos que na época deviam ser em bandos numerosos nos bosques que margeavam os rios. Deve ter subido em árvores para colher e comer frutas nativas. Foi à escola fundada por seu pai e, provavelmente frequentou as missas celebradas pelo Padre Thomas Clark.

A partir dos seus 10 anos de idade iniciaram os desafios e o maior deles acredito que foi, a perda de seu pai, morto em uma emboscada da Revolução Farroupilha. Provavelmente essa dor imensa o acompanhou pela vida a fora, como acompanharia qualquer um de nós.

Porque falo isso? Para que vejamos o nosso menino, como uma criança normal que foi e um adulto trabalhador e respeitador das leis e da religião.

A Vila de Triunfo no período de revolução, retrocedeu econômica e culturalmente e, muitas famílias que aqui residiam e prosperavam com seus negócios agropecuários e comerciais se mudaram para outros lugares. Nesta leva estava a família de nosso menino José Joaquim, agora chefiada por sua mãe Joaquina Maria viúva, que preferiu mudar-se para Santo Antônio da Patrulha.

Nosso inquieto menino já estava focado em qualificar-se para ser professor, talvez para seguir os passos do saudoso pai. Também iniciou carreira no comércio onde teve a oportunidade de aprender muito e viajar pelo estado, mais precisamente para Alegrete, no ano de 1857. Com 28 anos de idade casou com Inácia Maria de Campos Leão. Mais adiante teremos a linha do tempo de Qorpo-Santo completa.

Trineta:

Aqui um capítulo especial com a colaboração de **Eloah de Freitas Lima Ventura**, trineta de Qorpo-Santo, que já esteve em vários eventos realizados pela Fundação Cultural Qorpo-Santo, em especial, na **1ª Tábua Cultural do Tryumpho de Qorpo-Santo**, no ano de 2016, na Câmara de Vereadores de Triunfo, em homenagem a Qorpo-Santo vereador com a participação de vários nomes expoentes da literatura do estado e do país: Luiz Antonio de Assis Brasil, Antônio Carlos de Sena, Inês Alcaraz Marocco, Maria Aparecida Ramos Dias, Maria Clara Gonçalves e Eloah de Freitas Lima Ventura.

Na oportunidade, Eloah nos trouxe uma detalhada informação sobre sua árvore genealógica até a 7ª geração, que tem a peculiaridade singular: todos os integrantes desta linhagem têm curso universitário, alguns até mais qualificações e muitos ligados ao ensino, às artes e ao direito.

QORPO-SANTO segundo sua trineta:

* **Eloah de Freitas Lima Ventura** - trineta de Qorpo-Santo; professora estadual aposentada, nascida em Sobradinho-RS, residente em Santa Maria, no coração do estado do Rio Grande do Sul. Em sua infância ouvia falar do parente distante como um “gênio”, mas também como um “louco”. Na família predomina a imagem carinhosa de um parente que sofria as agruras de estar muito à frente de seu tempo. Foi bem mais tarde que Eloah passou a se interessar pela obra literária do seu ascendente familiar. Descobriu então com grande interesse a atualidade de sua obra, procurando resgatar o seu passado no seio da família. Eloah nos conta quais são os descendentes do “Gênio Louco”, cujo legado é o gosto pelas artes e, especialmente, a paixão pela literatura e dramaturgia. Também nos diz que o reconhecimento é essencial e, o que mais

importa é a obra, tesouro herdado por todos os admiradores de Qorpo-Santo, a exemplo da Fundação Cultural Qorpo-Santo de Triunfo.

Dramaturgo, escritor, poeta, jornalista, tipógrafo e gramático brasileiro. Vereador eleito. Professor. Nascido em Triunfo no dia 19 de abril de 1829 e falecido em Porto Alegre em 1º de maio de 1883, aos 54 anos de idade.

Comerciante, fundador de escola, autor de artigos em jornais. Na “compulsão” tudo escreve.

“Ele formulou uma proposta de mudar o português para aproximar a escrita da fala.”

Luis Augusto Fischer.

COMO FORAM E COMO SÃO OS SEUS DESCENDENTES?
O QUE PODEM TER HERDADO DO FAMOSO ANCESTRAL?

José Joaquim de Campos Leão, Qorpo-Santo casou-se com Inácia Maria e tiveram quatro filhos:

- *Idalina Carlota
- *Lídia Marfísia
- *Plínia Manuela
- *Tales José

ARVORE GENEALÓGICA A PARTIR DE **LÍDIA MARFÍSIA**:

LÍDIA MARFÍSIA – segunda filha de Qorpo-Santo é a minha bisavó. Casou-se com Albino Monteiro – este, filho de Tristão José Monteiro, fundador da cidade de Taquara-RS.

Idalina de Campos Monteiro – filha de Lídia e **neta de Qorpo-Santo, minha avó materna.**

A bisavó Lídia morou e terminou seus dias sendo cuidada por vovó Idalina.

Vovó Idalina casou-se com o advogado Henrique de Freitas Lima, teve oito filhos, sendo que dois faleceram ainda crianças. Como seu avô Qorpo-Santo Idalina optou, profissionalmente, pelo magistério, que exerceu por mais de quarenta anos com muita probidade, tanto é que teve seu nome escolhido para denominar uma escola estadual, em Alvorada, Escola **Idalina de Campos Monteiro**.

BISNETOS de Qorpo-Santo filhos de **Idalina e Henrique**:

***Hélio** – advogado e Juiz de Direito, sem filhos;

***Hillo** – iniciou o curso de Medicina, porém, no segundo ano teve a oportunidade de tornar-se representante comercial de medicamentos e deixou a faculdade. Gostava de declamar poesias, não sei se também escrevia versos, sem filhos;

***Henrique** – meu pai. Ingressou na faculdade de Direito, mas tendo conseguido nomeação como Juiz Municipal, deixou a faculdade, trabalhou nas cidades de Santo Antônio da Patrulha, quando se casou com Addy minha mãe. Juntos foram desbravar o centro do estado, residindo em Sobradinho. Trabalhador inteligente, poeta, homem de visão, criou com mamãe uma família com bases sólidas e de convívio, amor, progresso e educação. Tiveram seis filhos, dos quais falarei ao denominar os trinetos, entre os quais me incluo. Meu pai deixando o cargo de Juiz municipal, habilitou-se como advogado e jornalista colaborador, tendo o vínculo legal com a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil e com a ARI – Associação Riograndense de Imprensa.

***Hyrtaco** – Cursou faculdade de jornalismo e foi jornalista do Correio do Povo e professor de jornalismo na PUCRS, sem filhos.

* **Idália** – Cursou a faculdade de Filosofia e era especialista em Português. Lecionou sempre no Colégio “Júlio de Castilhos”, em Porto Alegre, onde obteve título honorário pela sua admirável atuação como Mestra. Não teve filhos.

* **Idalina** – Cursou a faculdade de Medicina, especializou-se em Tisiologia. Trabalhou no Rio de Janeiro, depois especializou-se também em psiquiatria, quando já casada com Dr. Antônio Campos e com dois filhos: Hélio – engenheiro nuclear da NASA – EUA e Rafael – Advogado, exerceu sua profissão em Brasília. Hélio e Rafael são trinetos de Qorpo-Santo, como eu.

TRINETOS de Qorpo-Santo, filhos de **Henrique de Freitas Lima Filho** – meu pai.

***Henrique** – primogênito, Bacharel em Direito na UFRGRS e Promotor de Justiça concursado e depois Procurador de Justiça. Poeta, cantor, declamador, instrumentista de gaita e violão. Foi grande incentivador do nativismo no Rio Grande do Sul sendo um dos fundadores da Califórnia da Canção Nativa e seu primeiro presidente. Deixou alguns CDs gravados com músicas e poesias. Como profissional foi muito respeitado. Faleceu em 2005;

***Nelma** – Licenciada em Filosofia pela faculdade de Bagé, foi professora estadual em Sobradinho, Cachoeira do Sul como diretora de escola; em Porto Alegre foi vice-diretora do Colégio “Paula Soares”. Faleceu em 2005.

***Helena** – Bacharel em Direito pela UFSM, é professora estadual aposentada, tendo atuado em Cachoeira do Sul e Santa Maria, no setor de processos da 8ª coordenadoria Regional de Educação. Reside atualmente em Santa Maria.

***Hélia** – Licenciada em Pedagogia, foi professora universitária e titular de cadeira de Didática da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, onde havia concluído sua formação acadêmica. Faleceu em 2012.

***Adí** – Licenciada em História Natural pela UFSM, pós-graduada, exerceu o magistério em Santa Maria, Encruzilhada do Sul e Pelotas. Agora –aposentada- reside em Porto Alegre.

***Eloah** – Bacharel em Artes Plásticas, licenciada em Desenho e pós-graduada em Educação, exerceu o Magistério em Cachoeira do Sul e Santa Maria, onde completou seu tempo de serviço no estado com a chefia do Grupo Funcional de Informática da 8ª Coordenadoria Regional de Educação. Tem o gosto em escrever, tem dois livros publicados. Participou, como colaboradora convidada, em diversas obras publicadas em Santa Maria onde reside.

Após o falecimento de mamãe, papai teve mais dois filhos de um novo relacionamento:

***Hélio** – Militar da Brigada e

***Telma** – Corretora de Imóveis.

TATARANETOS – 5ª geração

São treze:

***Walkiria** – Filha de Nelma, alfabetizadora, licenciada em Artes Plásticas pela Escola Superior de Artes Santa Cecília em Cachoeira do Sul, escreveu um livro didático, para ser publicado, reside em Cachoeira do Sul;

***Henrique** – filho de Henrique, Bacharel em Direito e Cineasta, diretor dos filmes “Lua de Outubro” e “Concerto Campestre” reside em Porto Alegre;

***Júlio**, também filho de Henrique. Engenheiro Agrônomo e fazendeiro, residente em Santiago/RS.

***Addy** – filha de Hélia, Licenciada em Pedagogia, exerceu o magistério e, agora é assessora na Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, em Florianópolis;

***Artur** – filho de Hélia, Médico formado pela UFSC, atuando no município de Socorro em São Paulo. Pela admiração granjeada com sua atuação profissional, tem seu nome numa das salas especiais do Hospital onde atua.

***Adriana** – filha de Hélia, Bacharel em Direito e Administração, exerce atividades no Tribunal de Justiça em Florianópolis;

***Andréa** – minha filha – Bacharel em Administração pela UFSM, com especialização em Administração Pública e Gestão de Cidades, pela ININTER, empresária. Quando estudante fez teatro, participou e venceu concurso de poesia. Faz atividades filantrópicas. É sempre interessada no que diz respeito a Qorpo-Santo;

***Deisy** – minha filha, Bacharel em Direito pela UFSM, com Mestrado em Santa Maria e Paris. Doutora em Direito pela Universidade de Sorbonne-Paris. É professora da USP- Universidade de São Paulo-titular na Faculdade de Saúde Pública (USP) Quando estudante venceu concurso literário de crônica e ganhou prêmio de melhor atriz em teatro. Tem mais de 15 livros editados e, escreve em revistas científicas. Um dos seus artigos aceito para publicação é “O Papel do Teatro na Formação em Relações Internacionais: experiências no campo dos Direitos Humanos”. É também interessada no que diz respeito ao Qorpo-Santo e sua obra literária e Dramatúrgica.

***André** – filho de Adí – Bacharel em Direito, atua no Fórum de Passo Fundo – RS. É violinista e cantor.

- ***Tiago** – filho de Adí – Bacharel em Direito, atua na Caixa Econômica Federal em Porto Alegre. Também descendentes de Henrique de Freitas Lima Filho, meu pai;
- ***Bruna** – filha de Telma – Bacharel em Direito pela ULBRA em Cachoeira do Sul;
- ***Iuri** – filho de Hélio – Cursa Artes Cênicas;
- ***Luíza** – filha de Hélio – Cursa Medicina Veterinária.

TATARANETOS – 6ª geração

- ***Aloma** – filha de Walkyria – Bacharel em Publicidade e Propaganda, empresária, falecida em 2017; Deixou a filha Agatha. (da sétima geração)
- ***Douglas** – filho de Walkyria – Bacharel em Administração, atua no Banco do Brasil – como Gerente;
- ***Júlia** – filha de Addy – Bacharel em Administração, pós graduada, atua em escritório;
- ***Bruno** – filho de Addy – Bacharel em Direito, pós graduado, possui escritório;
- ***Roberta** – filha de Adriana – um filho, Carlos Eduardo da sétima geração de Qorpo-Santo;
- ***Rodrigo** – filho de Adriana – Cursa Administração na UFSC;
- ***Rafaela** – filha de Adriana – estudante do ensino médio.
- ***Filipe** – meu neto –filho de Andréa. Cursa Desenho Industrial na UFSM, juntamente comigo, aos 8 anos lançou um livro em homenagem à escola onde estudava, escreve poesias, toca violão e piano.
- ***Luísa** – minha neta –filha de Andréa. Trabalha em Curso de Idiomas;
- ***Venâncio** – filho do Júlio – estudante;
- ***Artur** – filho do Artur – estudante;
- ***Henrique** – filho de Henrique – estudante.
- ***Bento** – filho de André, neto de Adí.

TATARANETOS – 7ª geração

- ***Agatha** – filha de Aloma – estudante;
- ***Carlos Eduardo** – filho de Roberta – estudante.

Após essas inéditas informações sobre os descendentes da segunda filha de Qorpo-Santo, Lídia Marfisia, vamos retornar ao nosso personagem, agora um cidadão trabalhador, questionador, propositivo, por vezes rebelde, mas muito inteligente e obstinado por Justiça, tanto que até teve um jornal com esse nome “A Justiça”.

QORPO-SANTO CIDADÃO:



FOTO 2

Esteve em Alegrete por motivos de saúde, uma moléstia do peito, durante os anos de 1857 a 1961. Nesta época o nosso jovem cidadão José Joaquim já se destacava por sua cultura, habilidade com as pessoas e espírito elevado quanto ao seu propósito de vida em sociedade. Na cidade de Alegrete, podemos dizer que, participou ativamente da política como vereador eleito, da ordem pública como subdelegado, da imprensa como jornalista para o periódico local, da cultura como professor e fundador do colégio Alegretense de primeiro e segundo grau e, atuou também como comerciante.

Hoje em sua homenagem Alegrete promove a "Parada do Orgulho Louco" aprovada por Lei Estadual 14.783/15 tendo como tema principal a Saúde Mental.

Aqui em Triunfo denominada através da Lei 432 de 30 de setembro de 1981 temos a **Escadaria Qorpo-Santo**, que **FOTO 3** fica ao lado da casa onde QS nasceu e ali são desenvolvidas atividades culturais, no dia de seu aniversário de nascimento 19 do mês de abril e, neste mesmo dia 19 é homenageada também outra ilustre triunfense Ida Hermínia Kerber, **Iracema de Alencar**.

Desde 22 de julho de 1994, tem a Escola Qorpo-Santo que através de um projeto está ganhando um novo prédio com recursos federais.

Um grupo de pessoas ligadas à cultura em Triunfo, criaram o Centro Cultural Qorpo-Santo em 11 de março de 1985, com o objetivo de congregar atividades culturais. Porém em 1º de março de 2008 foi criada a **Fundação Cultural Qorpo-Santo** e neste movimento estão conterrâneos e pessoas que chegam a Triunfo e que estão envolvidos com a cultura e no Grupo de Teatro Cena QorpoSantesca.

Casa onde nasceu Qorpo-Santo:

Várias tratativas já foram lideradas pela Fundação para resgatar a casa onde nasceu Qorpo-Santo, porém sempre algum empecilho sempre aparece..., mas movimentos envolvendo escolas são frequentes e as ruínas da casa sempre servem de cenário para o abraço. **FOTO 4**

Voltando ao nosso personagem:

Escolheu o seu codinome “Qorpo-Santo” aos 34 anos, quando acreditava estar imbuído de missão divina. A justificativa era viver afastado do mundo das mulheres. Se o corpo se pretendia santo, o mesmo não se pode dizer dos textos. Era um homem que tinha bons contatos com pessoas importantes na área da cultura e em 1862 iniciou um trabalho de criação de uma gramática diferenciada onde, por exemplo, a palavra qorpo escrito com Q. Vou transcrever aqui o que o próprio Qorpo-Santo propôs sobre a reforma da ortografia:

Sobre Ortographia:

*José Joaquim de Campos Leão

Frontispício para hum jornal qe denominarei a saúde.

Fundado no sábio poeta português Castilho, no literato brasileiro António Alves Pereira Coruja e em meu distinto Mestre de tantas artes, de tantas ciências Marquês de Maricá, desde 1862 que levado de uma força irresistível, e do mais veemente desejo de ser de qualquer modo louvável útil a meus semelhantes, e especialmente a meus alunos, ensaiei a Ortografia de que pouco a pouco me vou servindo, e transmitindo aos sábios a cuja crítica sujeito.

O primeiro suprimia por exemplo o U na palavra Que, em seu abecedário para aprender-se a ler nas escolas; o segundo diz e exemplifica em uma nota de sua gramática Qe o que se pode fazer com menos, não se deve fazer com mais!

O terceiro, ensinou-nos que a civilização moderna é mais devida a derrubada de erros antigos que a descoberta de verdades novas.

Qualquer deles felizmente para mim prova tão evidentemente o qe afirma, qe nada fica a desejar, a combater ou contestar.

Sou de sua opinião, por gênio, por índole e inclinações, por costume, por hábito, por conveniência, nunca vacilei pois, nem jamais o farei, para que tão grandes melhoramentos que se podem efetuar nesta quarta parte da gramática nacional, se vão pouco a pouco introduzindo!

As minhas obras quase só eu as entendo tantas foram as inutilidades por mim suprimidas! Acho porém cedo para que desde já se faça tanto!

Os timoratos se receiariam: os aterrados às outras línguas, e principalmente à latina não queriam, como não querem perder uma coisa inútil para nós só pelo simples fato de tal coisa ser naquela indispensável, como se não fosse loucura cometermos todas as más ações; vícios e erros de nossos pais só porque eles os praticaram!

Quiçá outros levados de alguns outros prejuízos, muitos de condenável preguiça, também a rejeitassem! Assim pois entendemos dever adiantar somente o que nos parece mais fácil, e de pronta aceitação.

Entram neste número as seguintes reformas:

1º Supressão do U em todas as palavras que não soa.

- 2° Supressão de uma das letras que usam dobrar inutilmente.
- 3° Escrever *Q* em palavras em que o *X* e outras letras furtam o som desta.
- 4° Empregar sempre o *G* com o som forte que tem em *Gado*, *Guerra* etc. cuja segunda palavra se pronunciará do mesmo modo, escrevendo-se *Gera*.
- 5° Supressão do *H* em palavras que não soa, nem serve para distinção alguma.
- 6° A figura *Z* para soar sempre *ere*; como em *Para* etc. ficando esta para só ter som forte entre vogais, e assim escrevermos — *Caro* — pronunciarmos como o fazemos em *Carro*. E *cazo*, etc.
- 7° Uso do *S* em todas as palavras que se pode dispensar o *C* cedilhado. Esta letra eu suprimo, pois para soar *Q* temos esta, e para soar *S*, temos também esta.
- 8° Não empregar dois *S*, senão quando o primeiro soa com a primeira sílaba e o segundo com a segunda. Nem com o som *Z*, senão nas palavras compostas como em *dés-e-seis*, *des-obstruir*, *des-arranjar* etc.
- 9° Inutilizar o uso do *ch*, *qer* para o som de *X* visto que temos este, *quer* para o som de *Q*, visto também haver este para assim soar. E por isso em vez de escrevermos *Sexo* e pronunciarmos *Seqso*, escrevamos deste segundo modo: *tenho ouvido muita gente já velha, que andou anos em escolas, pronunciar ainda do primeiro modo que acima escrevi*.
- 10° Não soar o *X*, *S*, como muita gente uza em *Felix* e em outras palavras, nem também dar tal som ao *Z*, porq não precisamos: muitos o fazem entretanto em *dez*, *pez*, *gaz*, *arroz*, e em infinitas outras palavras.
- 11° O *Y* por inútil deve desaparecer do Alfabeto como aconteceu ao desuzado *W*. (Qorpo-Santo, Vol 7ª Saúde, p. 19 e 20, em 23 de abril de 1868)

A Ensiqulopédia:

Qorpo-Santo escreveu sua '**Ensiqulopédia ou seis mezes de huma enfermidade**' no período em que já estava em processo de ser interditado pela justiça e, portanto, não conseguiu ninguém que aceitasse imprimi-la. Foi aí que teve a certeza de que ele mesmo o teria que fazer. Em 1877 buscou uma autorização para ter sua própria tipografia e então passou a imprimir seus escritos. O resultado foram nove volumes de uma grande produção desconexa, feita de: versos, relatos, reflexões sobre política, moral, ética jornalística, provérbios, anúncios, interpretações dos Evangelhos, bilhetes, confissões autobiográficas, comédias, projetos literários. Enfim, fragmentos que, no seu conjunto, apresentam uma vasta visão de vida, trabalho e mundo. Trabalhando com coisas e situações banais, mas tratando-as de forma a perturbar qualquer ordem ou organização que pudesse estar presente, Qorpo-Santo descontrói o cotidiano e o torna estranho para quem o lê.

No primeiro volume encontramos resumida sua proposta em '*Obras*' (Qorpo-Santo, 1877, p.12):

Quatro volumes – fazer eu hei de
Das varias produções minhas;
Terceiro – cartas requerimento;
Segundo – longos, curtos discursos;
O primeiro será – poezias;
Quarto – pessas theatraes, scenas!

Quanto mais observamos sua produção, temos cada vez mais certeza de que nosso autor/escritor tem muito conhecimento de um mundo cheio de materialidade e significação, cores, sons, texturas, gestos.

Em '*Objectos de conversação*' (Qorpo-Santo, 1877, p.19), lemos:

Fala-se com as flores,
Fala-se com os fructos,
Fala-se com as cores,
Fala-se com os brutos!
 -
Fala-se com a tinta,
Fala-se com o papel,
Fala-se com pinta,
Fala-se com o pincel!

-
*Fala-se com as vozes,
Fala-se com os gestos,
Fala-se com as nozes,
Fala-se com os restos!*

Em relação à sua dramaturgia, observamos a forma como Qorpo-Santo lidava com os personagens: alguns mudam de nome durante o desenrolar das cenas sem qualquer motivo aparente, outros desaparecem durante o enredo. Para Eudinyr Fraga que escreveu “Qorpo-Santo: Surrealismo ou Absurdo?”, *não existe, nessas peças, qualquer preocupação de coerência psicológica na construção de personagens, que "deambulam por espaços inexplicáveis, nos quais o tempo se torna, ele próprio uma ficção. [...] São indivíduos sempre à beira de um colapso existencial, tentando se afirmar no território movediço de uma organização social incompreensível e injusta" (Fraga, 2001, p.11).*

Na peça 'Hoje sou um, amanhã outro', Qorpo-Santo explica essa sua concepção de mundo por meio de um personagem:

Que nossos corpos não são mais que os invólucros de espíritos, ora de uns ora de outros; que o que hoje é Rei como Vossa Mercê, ontem não passava de um criado, ou vassalo meu, mesmo porque senti em meu corpo o vosso espírito e convenci-me, por êsse fato, ser então eu o verdadeiro Rei, e vós o meu Ministro! [...] Que pelas observações filosóficas, êste fato é tão verídico, que milhares de vezes vemos uma criança falar como um general; e êste como uma criança. (Qorpo-Santo, 1969, p.124)

Sobre seu processo de criação:

Qorpo-Santo também escrevia frequentemente. Entre as poesias que tratam da sua relação com aquilo que produzia, vejamos essa, 'Produções' (Qorpo-Santo, 1877, p.69):

*Bom ou mau – o que vedes ahi vai,
Do Campos Leão, ou d'alma sahe!*

-
*Ovelha; cabrito; tenho dito;
Feio, bonito – irá escripto!*

-
*Grande, pequeno; ervas ou feno;
Tenho dito; irá escripto!*

-
*Verso bemfeito; ruim, malfeito;
Tenho dito; irá escripto!*

-
*Pensares meus, eu tenho dito;
Sublime ou não irá escripto!*

-
*Verdades ou não, eu tenho dito;
O que descobri – irá escripto!*

-
*Produções minhas, eu tenho dito;
Goste-se ou não; irá escripto!*

Suas poesias tem musicalidade e ritmo, parece ter urgência, como se fosse preciso escrever tudo logo, imprimir tudo antes que algum fato novo e impeditivo acontecesse.

Qorpo-Santo também pedia auxílio ao leitor, ou àqueles que porventura viessem a encenar suas peças de teatro, para alterações e correções de possíveis erros: *"As pessoas que quiserem levar à cena qualquer das Minhas Comédias – podem; bem como fazerem quaisquer ligeiras alterações, corrigir alguns erros e algumas faltas quer de composição, quer de impressão, que a mim por numerosos estorvos foi impossível" (Qorpo-Santo, 1877, p.10).*

A recepção da obra:

Qorpo-Santo ansiava por uma interlocução. Escrever era extremamente importante, mas publicar também, buscar seu público, partilhar sua criação. Quais seriam os interlocutores de sua obra e que relação estabeleceriam com ela?

Sua Ensiqlopédia não teve nenhuma repercussão no meio literário e artístico da época, mas também nenhuma repercussão nos meios psiquiátricos. Naquele tempo não havia nada que articulasse, arte e saúde mental. Seus escritos e seu trabalho na tipografia não foram levados em consideração, pelos médicos, como atividade terapêutica. Ele costumava dizer que sua dor e enfermidade lhe proporcionavam melhora, saber, força e poder. Ciente do descaso de que era vítima na sociedade da época, Qorpo-Santo dizia que seus escritos poderiam não ser compreendidos, porém não podiam ser censurados porque relatavam a realidade que ele via e vivia.

Referências Bibliográficas:

<https://biblioteca.pucrs.br/acervos/colecoes-na-biblioteca/acervos-especiais/qorpo-santo/>

<https://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/qorpo-santo>

<http://otriunfense.com.br/seminario-sobre-qorpo-santo-lembra-que-morto-que-e-amado-nunca-para-de-morrer-como-assegura-mia-couto/>

http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330464/1/Goncalves_MariaClara%20D.pdf

[Vista do Revisitando a dramaturgia de Qorpo Santo em seu contexto original \(usp.br\)](#)

O encontro com as Marias:

Após a criação da Fundação Cultural Qorpo-Santo, em 01 de março de 2008 e a divulgação das ações que realizamos em conjunto com a comunidade triunfense, nos meios de comunicação local e regional e virtual, proporcionou que pessoas fossem se aproximando e nos trazendo informações e ideias de projetos. Para citar alguns que a Fundação já realizou: Cordel Qorpo-Santo, Saraus, Livro, Workshop, Semanas, Oficinas de Teatro, Fruição, os projetos: ‘Pelo Triunfo de Q-S’, ‘Seminário Internacional de Q-S’, ‘1ª Bienal de Dramaturgia Qorpo-Santo’ e por último dois projetos com recursos da Lei Aldir Blank que socorreu o Setor Cultural neste período de Pandemia: ‘Teatro União Digital 172 anos de história’ e ‘Histórias que nos contam, contos, causos e lendas da região de Triunfo’. Neste contexto de trabalho da Fundação é preciso dizer que a aceitação do tema Qorpo-Santo não foi tarefa fácil e na comunidade ainda gera desconforto para alguns. Você está convidado a visitar as Redes Sociais da Fundação Cultural Qorpo-Santo: Facebook, YouTube e Instagram para conhecer mais sobre a Fundação e seu patrono.

Posso dizer que o encontro com as Marias contribuiu muito para que eu despertasse ainda mais meu interesse por esse nosso personagem até então incompreendido em sua própria terra natal, Triunfo/RS. Maria Clara Gonçalves pesquisadora em nível nacional e Maria Aparecida Ramos Dias pesquisadora em nível regional. As duas dedicam vários anos de suas vidas pesquisando sobre nosso Professor, Diretor, Escritor, Dramaturgo e Patrono José Joaquim de Campos Leão. Para enriquecer este capítulo sobre o personagem Qorpo-Santo, quero trazer os textos produzidos por estas duas pessoas que tenho o privilégio de ter em minha relação de grandes amigas e integrantes do Fã Clube QS.

REVISITANDO A DRAMATURGIA DE QORPO-SANTO EM SEU CONTEXTO ORIGINAL.

***Maria Clara Gonçalves:** (São Paulo, 1984)

Formada em Letras pela UNESP/Assis, mestre em literatura e vida Social pela mesma universidade. Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Realizou o estágio de pós-doutorado em Literatura Brasileira na USP.

Maria Clara Gonçalves dedicou mais de 10 anos de sua vida à pesquisa sobre Qorpo-Santo, sua importância no contexto literário e dramático gaúcho e brasileiro e nos apresenta apreciações sobre a vida e a produção literária de José Joaquim de Campos Leão. Com muita propriedade Maria Clara relata aspectos literários e estéticos peculiares na forma de escrever utilizadas pelo escritor e dramaturgo José Joaquim de

Campos Leão Qorpo-Santo (1829-1883), além de trazer informações sobre o contexto cultural no qual se desenvolveu o escritor traçando uma correspondência entre a cena teatral gaúcha e sua dramaturgia. Em sua pesquisa nos periódicos gaúchos oitocentistas ela relata que havia uma preferência por espetáculos romântico-naturalista. Por nos disponibilizar gentilmente suas pesquisas e participar diretamente em eventos realizados pela Fundação Cultural Qorpo-Santo recebeu o título de Sócia Benemerita. Trago agora partes do rico trabalho de pesquisa que ela apresentou em seu mestrado.

- **Curiosidade:** Vejamos que nos traz Maria Clara: *“José Joaquim, católico fervoroso, ao incorporar Qorpo-Santo ao nome, – provavelmente inspirado no Frei Pedro González Telmo - uma espécie de alter ego carregado de ares divinos e com características excêntricas, fez de seu “novo eu” uma figura bastante propositiva em seu contexto social. No O Constitucional de 04 de fevereiro de 1873 o escritor anunciou um novo comércio de “secos e molhados”, cuja finalidade era erguer, em poucos anos, a igreja São José de Leão em uma das montanhas mais altas da cidade – apesar de seus esforços, não há registros da construção da igreja e nem da abertura do comércio.”* (Gonçalves, M C, 2021, p.2)

- **Sobre a Enciclopédia:** A pesquisadora ressalta que a coleção está disposta da seguinte maneira: *“volume I – composto de duas partes, “Poesia e Proza” e “Prosa”; volume II – “Pensamentos e poemas”; volume III – não encontrado; volume IV – “Romances e comédias”; volume V – não encontrado; volume VI – não encontrado; volume VII – constam os dois periódicos do escritor, “A Justiça” e “A Saúde”; volume VIII - “Micelania Qurioza”; volume IX – dividido em quatro partes: “Interpretações: pontos qe parecem qcontraditórios no novo testamento de nosso senhor Jezusqristo”; “Alguns pençamentos esqritos por mim nestes últimos tempos”; “Restos qe greio, julgo ou pênso não terem sido impreços em algum dos meus oito livros”; e “Introdução (reprodução de livro anterior)”.* (Gonçalves, M C, 2021, p.3) Também nos traz uma preciosidade dita pelo próprio escritor: *Os trambolhões em que tenho vivido desde 1864 julho, até o prezente 1875 Setembro – obrigam-me a publicar o que hei escripto desde Julho de 1862 –sem ordem quanto as dactas sem distinção do que produzi antes de assignarme Qorpo-Santo, e depois assigno este nome: sem dividir completamente – proza, de verso como pretendia. O farão meus filhos, se tiverem gosto para estas couzas* (QORPO-SANTO, 1877, volume I, p. 130).

Maria Clara nos diz que: *“o escrito mais antigo da Ensiqlopédia data do ano de 1853. Contudo, em sua maioria, os textos foram produzidos a partir de 1862, mesmo ano em que o escritor foi dispensado do magistério por sofrer de “alucinações mentais” (termo usado pelo governo imperial em Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras: Império – 1830 a 1889, na seção “Professores Licenciados” em que José Joaquim era destituído de suas funções como professor). O diagnóstico dos médicos foi “monomania” assim denominada pelo francês Jean-Étienne-Dominique Esquirol (1772-1840), que designava uma alteração mental que não comprometia completamente a vida social do indivíduo. A partir dessa data, ele e sua esposa, Inácia Maria de Campos Leão, iniciaram uma disputa para administrar os bens da família que duraria até a morte do escritor, em 1º de maio de 1883.”* (Gonçalves, M C, 2021, p.1)

- **O volume IV:** *O conjunto das peças teatrais de Qorpo-Santo encontra-se no volume IV, cujo título, apesar de aludir aos romances, traz apenas o conjunto das dezessete comédias do autor escritas entre janeiro e junho de 1866, comenta Maria Clara.*

O hóspede atrevido ou O brilhante escondido;

A impossibilidade da santificação ou A santificação transformada;

O marinheiro escritor;

Dois irmãos;

Duas páginas em branco;

Mateus e Mateusa;

As relações naturais;

Hoje sou um; e amanhã outro;

Eu sou vida; eu não sou morte;

A separação de dois esposos;

O marido extremo; ou o pai cuidadoso;
Um credor da fazenda nacional;
Um assovio;
Certa Entidade em busca de outra;
Lanterna de fogo;
Um parto;
Uma pitada de rapé (incompleta).

Por meio do estudo documental (crônicas, críticas e anúncios de espetáculos), obtêm-se informações sobre as circunstâncias histórico-sociais da cultura em Porto Alegre entre os anos de 1852 e 1878 – o recorte temporal que Maria Clara Gonçalves justifica por corresponder a um período de acontecimentos decisivos para a constituição do escritor Qorpo-Santo. *“Com atenção às ideias em circulação na imprensa e às tendências artísticas que ganharam os palcos, observando as características do público local, seus gostos e gêneros afins à sua sensibilidade, os periódicos constituíram um importante veículo para a propagação e discussão de ideais teatrais do período. Na Ensiquilopédia há inúmeras alusões aos periódicos que eram lidos por Qorpo-Santo, como: Echo do Sul, Jornal do Commercio, O Mercantil, Sentinela do Sul (todos do Rio Grande do Sul), Imprensa Acadêmica (São Paulo), Diário do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio, ambos da corte. O escritor possuía conhecimento das manifestações teatrais consagradas pelos críticos, contudo optou por desenvolver uma dramaturgia em que os elementos cômicos fossem mais bem elaborados do que as características do teatro edificante.”* (Gonçalves, M C, 2021, p.2)

- **O Cenário dos fatos:** Os documentos analisados por Maria Clara neste estudo possuem informações capazes de auxiliar no debate sobre a ligação entre a produção dramática de Qorpo-Santo e seu contexto teatral. Ela relata: *A tarefa de analisar o ambiente em que o autor formou seu perfil artístico permite visualizar as tendências e discussões estéticas que ocorreram em Porto Alegre, além dos espetáculos artísticos que circularam na cidade. A leitura das comédias de Qorpo Santo, em diálogo com sua época, oferece corrimão seguro para que as considerações críticas a respeito de sua produção não se percam em anacronismos sugeridos pela aparente atmosfera de vanguarda que as cerca. A existência desse singular escritor convida, pois, à reavaliação da história literária que “elegeu” alguns autores e condenou ao ostracismo tantos outros que subverteram alguns parâmetros teatrais da época, tanto na linguagem quanto na exposição dos fatos. A dramaturgia qorpo-santense demanda uma análise em que se coadunem as particularidades de seus escritos com o contexto histórico, de modo a entendê-la de maneira mais ampla.* Vista do Revisitando a dramaturgia de Qorpo Santo em seu contexto original (usp.br) (Gonçalves, M C, 2018, p.12)

A Enciclopédia começou como um produto de luxo limitado principalmente à elite da corte e da capital. Mas depois de assumir uma forma mais modesta e de seu preço baixar até as possibilidades da classe média, ela se disseminou pela bourgeoisie d'Ancien Régime, uma burguesia que vivia de rendas, cargos públicos e serviços, e não da indústria ou do comércio. A burguesia capitalista moderna também tinha poder aquisitivo à altura da Enciclopédia, e alguns comerciantes esclarecidos de fato a compraram, porém foram tão poucos que se tornam insignificantes em comparação com os privilégios e profissionais liberais, que adquiriram a maioria das cópias (DARTON, 1996, p. 406) (Gonçalves, M C, 2021, p.7)

Nossa pesquisadora Maria Clara ainda salienta com propriedade e finaliza: *“Pesquisar o movimento artístico das cidades torna-se uma alternativa para abranger o olhar sobre o teatro brasileiro oitocentista, compreendendo que os palcos do país foram ocupados por diversas manifestações artísticas numa sequência que não obedece ao tempo das escolas literárias, como o romantismo, realismo etc. Entender o ambiente em que Qorpo-Santo formou seu perfil artístico, as tendências com as quais poderia ter tido contato e as possibilidades oferecidas pelo contexto para a criação de sua obra oferecem subsídios que ajudam a compreender o ambiente em que o escritor se formou como leitor, espectador e dramaturgo.”* Vista do Revisitando a dramaturgia de Qorpo Santo em seu contexto original (usp.br)) (Gonçalves, M C, 2018, p.12)

AFINAL, QUEM É QORPO-SANTO?

*Maria Aparecida Ramos Dias

* Maria Aparecida Ramos Dias - Nasceu em São Jerônimo/RS, em 9 de maio de 1964. É Especialista em Pedagogia da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com Graduação em Filosofia e Licenciatura Curta em História pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS/RS). Possui formação em Magistério, pela antiga Escola Estadual de 1º e 2º Graus São Jerônimo (IEE - SJ), Teatral, pelo Teatro Escola de Porto Alegre (TEPA/RS) e Centro do Teatro do Oprimido (CTO/RJ), também, em Yoga e Meditação pela simples.mente.yoga/SP. Tem forte atuação em Movimentos Sociais como, feminista, ativista cultural, sócia fundadora do Movimento Pró Cultura de São Jerônimo/RS e sócia benemerita da Fundação Cultural Qorpo - Santo de Triunfo/RS. É diretora teatral, produtora cultural, cantora, artista plástica, atriz e escritora. Atuou como Coordenadora de Projetos, Programas de Saídas de Campo, Pesquisa Científica e Eventos Pedagógicos, Arte Educadora e Professora de Filosofia na CNEC São Jerônimo, Arroio dos Ratos e Charqueadas/RS, por 19 anos, destacando sua Coordenação no Projeto de Educação Intercultural Brasil x Chile 2014/2017. Atualmente, atua em pesquisas na área de educação, arte, filosofia e yoga. Atuou em 2018/19, como Contadora de História e de Musicalização, na Rede Municipal de Educação de Garopaba e de Yoga Teatro na APAE Garopaba. É membro do Coletivo Anita Garibaldi de Garopaba/SC, da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina e do Núcleo de Contadores de Histórias de Garopaba – Seccional Garopaba/SC. **Autora de:** - **São Jerônimo em Cordel**. Graphimax, São Jerônimo/RS, 2012. - **Qorpo Santo à Luz do Trágico em Nietzsche**. Editora Saraiva, e-book, 2015. - **Y GARA MPABA Poéticas Alinhavadas: Projeto Saia Cultural Literária**. Editora Rio das Letras, Santa Maria/RS, 2019. **ANITA, para pintar e bordar...** Editora Rio das Letras, Santa Maria/RS, 2021.

Maria Aparecida Ramos Dias que em seu trabalho de conclusão do Curso como Especialista em Pedagogia da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos deixa o livro **Qorpo Santo à Luz do Trágico em Nietzsche** e também aqui neste texto, gentilmente nos situa num contexto da região e do estado e, pontua de forma bem detalhada e inédita sobre os casais portugueses e sua missão junto a Coroa Portuguesa; as atividades comerciais que percorriam os rios em gondolas e barcos entregando mercadorias vindas do Reino e da Europa; os pesquisadores registrando sobre as riquezas, fauna e flora da região. Mas o mais importante de tudo nos traz uma linha do tempo sobre o nosso personagem José Joaquim de Campos Leão e sua influência na sociedade oitocentista, também, como foi o processo de criação da sua obra literária e dramática que para a época foi considerada fora do contexto, porém após sua descoberta pela academia passou a ter uma identidade própria e é estudada mundo a fora até hoje como uma obra precursora do Teatro do Absurdo. Por estar conosco em vários projetos e em vários eventos realizados pela Fundação Cultural Qorpo-Santo hoje Maria Aparecida Ramos Dias é Sócia Benemerita. O trabalho feito por ela, com certeza, nos traz fatos inéditos que vão se somar aos nossos conhecimentos sobre Qorpo-Santo.

- AFINAL, QUEM É QORPO-SANTO?

Como em tudo que gira entorno da vida e da obra desse extemporâneo¹, controvérsias se apresentam. Nos seus próprios escritos, bem como, nos registros historiográficos transcritos, até então, as

¹Que não é próprio de seu tempo em que sucede ou se faz: esse pedido é extemporâneo (adj). Que é fora de tempo. Precoces, prematuro, temporão. Improvisado. Impróprio para os padrões convencionais de sua época. (Dicionário Virtual)

informações muitas vezes não se confirmam. As pesquisas sobre tão instigante conterrâneo, são ainda muito recentes, sendo que, Qorpo-Santo² e sua obra, só foram redescobertos na década de 60 do século passado, XX. Sua obra se apresenta entre nós contemporâneos, em fragmentos desconexos, por vezes, nos deixam inúmeras lacunas, ao mesmo tempo em que, nos remetem e apontam à lucidez de seu gênio criador. Tentarei dar corpo ao imaginário social do então, “Arrayal da Freguezia Nova ou Vila do Tryumpho”³, do começo do século XIX, onde José Joaquim Campos de Leão ou somente Qorpo-Santo, nasceu e passou sua infância.

Sabemos que, o que compõe um humano e sua subjetividade é a contingência onde se forja. Não é, portanto, diferente com a vida de Qorpo-Santo. A trama que tece nosso imaginário, nossa genética, entrelaça nossa vida social e cultural. Nesse sentido, parece claro, para mim, que a carga dramática do entorno, onde esse humano se gerou e estruturou seu emocional, foi de um cenário bucólico e trágico ao mesmo tempo, me deixando a pensar, que foram muitos os motivos que levaram um homem impecável a se tornar um monomaníaco⁴ em sua vida adulta.

Conforme livro documental de batismo⁵ de José Joaquim de Campos Leão (ANEXO A) o avô de Qorpo-Santo se chamava Francisco Machado Leão, nascido em 1751, na Ilha de São Jorge, Arquipélago de Açores, que veio junto com outros europeus colonizar SC e o RGS, - que, segundo Guilhermino César em História do Rio Grande do Sul (p. 133. 1979), através da política dos casais⁶ lançada por Portugal, vão fazer parte de uma rota originária e estratégica do povoamento do RGS - vindo a falecer em Triunfo no dia 23 de abril de 1801; um homem de posses e terras, aqui documentadas (ANEXO B), casou com Maria Joana do Nascimento e teve dez filhos, entre eles, uma que se chamava Joaquina Maria Leão, mãe de Qorpo-Santo. Também, descobriu-se que Qorpo-Santo leva o sobrenome final e principal da mãe, pois por ser abastada e de família de elite, era usual tal prática, mesmo seu pai Miguel José de Campos, tendo um papel importante na sociedade, um dos cinco primeiros professores no estado e o primeiro professor público que veio para a Vila, em 1820. (MARISTANY, p. 24, 2002)

Na obra qorposantense, Miscelânea Quiriosa, organizada por Denise Espírito Santo (p. 19, 20, 2003) em “Notícia Biográfica”, há dados que não se confirmam aos dados expostos acima, como, a data do casamento dos pais de Qorpo-Santo que, conforme a autora transcreveu, se deu em 1810, assim como, teremos dados desconexos em sua “autobiografia” dada por Guilhermino César (p.13,14,15, e 32,1980) quanto ao que afirma o “Termo de Recomendação” que diz, que o mesmo teria falecido aos 50 anos, mas esse dado, não bate com a sua data de nascimento, pois se QS nasceu em 1829 e morreu em 1883, tinha portanto 54 anos. Ficando claras as controvérsias que giram ao redor de sua vida enigmática. Mas o que importa no instante, não é dar conta de tal discussão e sim, tentar saber, como viviam as pessoas e a aproximação das mesmas, ao universo imaginário e real da infância e da vida de Qorpo-Santo.

² Sobre o apelido que acrescentou ao nome, diz-nos ele próprio: "Se a palavra corpo-santo foi-me infiltrada em tempo que vivi completamente separado do mundo das mulheres, posteriormente, pelo uso da mesma palavra hei sido impelido para esse mundo." - Enciclopédia, ou Seis Meses de Uma Enfermidade, Vol. H, p. 16. Como quer que seja, em homenagem ao seu esforço de precursor, ficou pelo menos uma lembrança de tal sistema ortográfico na grafia do seu apelido; seja ele para sempre, na sua glória de dramaturgo, o invulgar - Qorpo-Santo. (Miscelânea Quiriosa, de Denise Espírito Santo, em autobiografia)

³ Escrita ortográfica encontrada em alguns registros e documentos da época, que usarei algumas vezes, por questões poéticas e estéticas.

⁴ Quem sofre de monomania; S.f. Anomalia mental em que a inteligência e a afetividade são alteradas em uma só ordem de ideias ou de sentimentos; atividade dirigida para uma ideia fixa. No caso de QS, a escrita compulsiva. (MDLP. Silveira Bueno.p.439,1999)

⁵ Livro 5º de Batismos de Triunfo, pág. 140 verso – Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre [AHCMPA]

⁶ Estratégia da coroa portuguesa para povoação do RGS no cumprimento do Tratado de Madri(1750) e principal meio de assegurar as terras e guardar fronteiras e conquistas diante dos espanhóis. (HRGS.GC.p.132,1979)

Em pesquisa minuciosa e recente, a Historiadora Margarida Tiburi (2008), nos revela que, até o Tratado de Madri (1750) o povoamento do RGS se deu ao mar e depois a marcha da colonização açoriana se dá em direção contrária, rumo ao interior, formando a rota dos casais, caminho trilhado por muitos, rumo a Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Alegrete e Rio Pardo, a partir da construção do Forte Jesus Maria José, quando se promove a ocupação efetiva do vale do Jacuí, tornando-se área de alta circulação na época, isso confirmado por Guilhermino César (p.133. 1979). Nos chama atenção a partir de então, os escritos sobre o povoamento de tais paragens, da Freguesia do Triunfo e do Passo do Novo Triunfo, hoje respectivamente, Triunfo e São Jerônimo, cidade onde nasci. Por isso, trato Qorpo-Santo como contrerrâneo, por ser filha dessa terra, mas também, porque meus antepassados maternos viveram e conviveram com ele e seus familiares, desbravando terras, plantando sesmarias de trigais e laranjeiras nas ilhotas do Jacuí, antes de tal lugar, tão promissor, virar caminho para revoada dos abutres, leito das sanguinolentas charqueadas e palco de sangrentas batalhas farroupilhas, onde eram vizinhos e lindeiros (ANEXO C). Também porque, compartilharam as mesmas calçadas, ruelas e até a mesma casa na Província de São Pedro conforme inventários de ambos (ANEXO D). Portanto, afirma Tiburi (2008), na mesma linha de Kuhn⁷ que, tais famílias faziam parte da possível elite econômica e política das margens do Jacuí, defendendo a ideia sobre os mecanismos encontrados por essa elite agrária em garantir a posse da terra, a segurança de seus moradores e a posição social.

Para melhor elucidar a estratégia da coroa portuguesa em enviar casais para tal missão, Tiburi esclarece:

“Ao redor dos fortes como os de Rio Pardo e de Santo Amaro, nas encruzilhadas dos rios e ao redor das capelas paroquiais, surgiram colônias agrícolas, no meio do séc. XVIII cultivadas pelos açorianos, que plantavam trigo, milho e outros cereais, para aliviar a escassez de alimentos das tropas que guarneciam as longínquas fronteiras do Brasil.” (LEITMAN apud TIBURI, p. 81, 1979)

Confirmando o que postulo, Leitman ainda, diz:

“Alguns viajantes estrangeiros percorreram o Rio Grande do Sul no século XIX e trazem em seus diários, descrições preciosas sobre o rio Jacuí e a região do Baixo Jacuí. Essa região é objeto de estudo do presente trabalho, onde vamos avaliar algumas atividades econômicas e os indivíduos nelas envolvidos. Logo, apresentamos algumas citações que julgamos importantes para melhor entender a relevância do Jacuí e das propriedades em suas margens, uma vez que hoje os rios perderam a posição comercial que possuíam no passado. Arséne Isabelle descreve o Jacuí em vários pontos de sua trajetória e dedica o terceiro capítulo para detalhá-lo, assim como as paisagens que o cercam, com sua configuração geográfica, fauna, flora, vilas e povoações e transações comerciais.” (TIBURI, p.18, 2008)

E, é nesse contexto geográfico, econômico e social, que nasce e vive durante sua infância, Joaquim José Campos de Leão Qorpo-Santo.

Arséne nos remete a uma cena bucólica, longínqua e de rara beleza, que vivenciou em viagem ao RGS no início do século XIX, descrevendo suas vivências e andanças em navegações pelo rio Jacuí:

⁷ Professor Doutor, orientador da monografia de Tiburi, Fábio Kuhn, defendeu em sua tese de doutorado GENTE DE FRONTEIRA: FAMÍLIA, SOCIEDADE E PODER NO SUL DA AMÉRICA PORTUGUESA-SÉCULO XVIII. Rio de Janeiro, UFF, 2006.

“O Jacuí estava baixo quando chegamos; apesar disso tinha ainda dez pés de profundidade no meio de seu leito; suas margens possuem escarpas de vinte pés; a descida da margem direita e a subida da margem esquerda são dificultosas para as carretas. O curso desse rio de segunda ordem dirige-se nesse lugar de oeste para leste; é sinuoso e rápido; no entanto, os barcos que são chatos podem subir longe. Descendo do norte, através da serra, faz primeiro muitas curvas para leste, depois dirige definitivamente seu curso para sudeste, por espessos matos, margens pantanosas, até Porto Alegre, passando pela cidade de Cachoeira e Rio Pardo e as Vilas de Santo Amaro, Freguesia Nova (hoje cidade de Triunfo) e as charqueadas.” (TIBURI, p.18,2008)

O rio, sinuoso e rápido, profundo e pantanoso, nos diz muito a respeito da própria personalidade de QS, que haveria mais tarde, em sua vida adulta, ficar à margem ou as margens do seu meio social, o menino que, em sua trajetória foi um inquieto navegante caminhante.

Descreve Tiburi, através de autores da época:

“O passo do Jacuí é de muito trânsito; é um movimento permanente de carretas, cavalos, mulas, bois, viajantes e mercadorias cruzando-se no rio. (p 42) O Jacuí, principalmente, é sulcado por botes de carga e elegantes barcos (gôndolas) ocupados no transporte de inumeráveis produtos da Europa, América do Norte e de outras províncias do Brasil, para Rio Pardo e Cachoeira, pequenas cidades suscetíveis de tomarem grande crescimento; a primeira, sobretudo, poderá passar a armazém de abastecimento do norte da província, compreendendo a serra propriamente dita e as missões do Uruguai. (p 66) Nicolau Dreys, viajante francês, natural de Nancy, faz uma rica descrição do Rio Grande do Sul durante a Guerra Civil, em sua obra —Notícia Descritiva da Província do Rio Grande do Sul, em que narra suas experiências como comerciante. Suas informações detalhadas sobre a população, núcleos urbanos e, principalmente, a economia com informações amplas e muito bem especificadas serão largamente utilizadas nessa monografia. Primeiramente os relatos e observações sobre o rio Jacuí, confirmando algumas já registradas por Isabelle Arsène e citadas acima. Entre os numerosos afluentes do Jacuí, não se pode deixar de notar o Taquari, que se une quase junto e acima da freguesia do Triunfo, com um volume d'água pouco inferior a do mesmo Jacuí, depois de uma carreira bastante extensa, principiada mais ou menos debaixo do mesmo meridiano e a pouca distância das cabeceiras do Jacuí. As margens do Taquari são ainda ricas de madeiras de qualidade superior, apesar de fornecerem desde longos anos a alimentação necessária a quase todas as construções da província, para as quais bem longe estão de chegar. O Rio Jacuí dá navegação a embarcações de 20 a 30 toneladas, desde sua foz até o confluente do Rio Pardo; isto é, numa extensão de mais ou menos 40 léguas (264 Km), esta navegação acha-se somente interrompida temporariamente nas grandes embarcações dessa carreira, e mesmo, as canoas. A região, devido as suas características geográficas, foi uma área de grande atração populacional depois da segunda metade do séc. XVIII, dedicados à agricultura, pecuária e também a atividade Charqueadora”. (TIBURI, p. 18-19, 2008)

Tais descrições nos dão a confirmar a importância do rio na vida de tais famílias, povoados e região, na construção e desenvolvimento econômico e cultural do nosso estado, mas, também, o quanto o rio esteve presente, nas idas e vindas de Qorpo-Santo e sua família.

Contam também, diversos historiadores que, por conta das pestes que atingiram as lavouras de trigais, a economia se forjou nas terras baixas de pastagem nutritiva, com muita força para criação de gado, fazendo assim, da atividade charqueadora a mais pujante e importante da época no estado.

É nesse contexto movimentado e de fluxo intenso, à margem esquerda, onde se encontram as águas e se fundem os dois rios, Jacuí e Taquari, que em 19 de abril de 1829, num dia de outono, nasce, em Triunfo, descendente de açorianos, José Joaquim Campos de Leão, na Rua Demétrio Ribeiro, casa nº 70, casa essa, que jaz em ruínas, resiste ao tempo, como que, para reafirmar a cada dia e trazer à luz de todos nós, a importância desse nascimento. As famílias triunfenses moravam nas terras altas e ensolaradas, donde se avistava do outro lado da margem, passando o olhar por cima do rio, o Passo do Novo Triunfo, onde ficavam as terras baixas e de pastagens, em que se fundaram as charqueadas, hoje São Jerônimo. Lugar onde nasci e me criei, atravessando muitas vezes o rio e outras me banhando em suas profundas e rápidas águas, o Jacuí, o mesmo rio que muitas vezes Qorpo-Santo transitou e navegou, mas não nas mesmas águas, já que, “são diferentes as águas que cobrem aos que entram no mesmo rio”, como nos diz Heráclito, inspirador de Qorpo-Santo, de Nietzsche, meu e de tantos outros que pensam que a vida se dá em fluxo, movimento e na tensão entre opostos.

Para melhor elucidar o contexto geográfico, histórico e o imaginário social da infância de Qorpo-Santo, cito através de Tiburi, Saint-Hilaire, que descreve poeticamente, cenas daqueles dias, em poucas palavras, mostra através de seu percurso e do rio, a vida e a época de uma região em movimento de opostos, pois nos relata o belo e o feio, a vida e a morte, a prosperidade e a miséria, nas páginas de seu diário de bordo, como se apreciasse ao longo de sua viagem a uma obra de arte:

- As Charqueadas:

Sobre a atividade charqueadora, Saint-Hilaire descreve muito bem suas atividades em Pelotas e as das margens do Jacuí são citadas no seu trajeto de retorno de Rio Pardo a Porto Alegre entre os dias 14 e 15 de maio de 1821. Da Estância dos Dourados passamos durante algum tempo na charqueada do Curral Alto ou de São João da Fortaleza, onde o patrão deveria embarcar uma partida de carne seca. Antes de chegarmos, sua presença nos foi anunciada por nuvens de urubus, que escureciam o céu. Terminara o tempo dos abates, no entanto, ainda havia muita carne ao sol e vísceras de bois em putrefação, espalhando um odor infecto ao redor da casa. Essa, além do mais, se localiza em posição privilegiada. A colina sobre a qual foi construída domina vasta extensão de terras; a espessa mata que margina no Jacuí se estende no campo e esse rio deixa ver, a intervalos, grandes trechos de seu curso que se assemelha a lagos. Antes da chegada ao Curral Alto, percorremos a embocadura do Francisquinho, que corre à direita do rio. Deparamos, em seguida, a foz de um outro riacho, o Arroio do Carajal, que vem do mesmo lado e, pouco antes de anoitecer, passamos pela vila de Santo Amaro, sede de uma paróquia. A localidade onde está construída essa aldeia é descampada, mas à direita e à esquerda há matas. A igreja fica no topo de uma colina e sobre seu declive vêem-se pequenos grupos de casas, entremeados de laranjeiras e gramados. Essa aldeia seria insignificante se apenas fosse composta de casas que se avistam do rio; mas asseguram-me que na encosta da colina há muitas casas. Após cruzarmos Santo Amaro, ainda deixamos, à nossa direita, o Arroio do Conde. (SAINT-HILAIRE p. 369, TIBURI, p.20,21,2008)

E, continua a descrever a paisagem e a passagem por São Jerônimo e Triunfo:

Sobre o Jacuí, a três léguas de Porto Alegre, 15 de maio. Com o tempo bom e um soberbo luar, navegamos durante parte da noite. Próximo ao lugar

onde paramos, passamos pela Cachoeira de Dona Rita, a última ao descer o rio. À nossa direita deixamos o riacho do Jacinto Roque. Em seguida, percorremos uma aldeia, situada a margem esquerda do rio, denominada Freguesia Nova. Diante desta, pouco mais abaixo, inúmeras charqueadas. É próximo a Freguesia Nova que o Taquari, bastante volumoso e vindo da Coxilha Grande, reúne suas águas às do Jacuí; torna-se então muito mais largo; no entanto, continua salpicado de matas semelhantes às que ontem descrevi. Abaixo da Freguesia Nova, vê-se a direita uma ilha habitada de, aproximadamente, uma légua de comprimento. A uma légua da Freguesia Nova existem ainda charqueadas a direita, transpomos o Arroio dos Ratos. Enfim, passamos, sucessivamente, diante de várias ilhas; algumas das quais inominadas, sendo as mais notáveis a ilha do Fanfa, medindo uma légua, a ilha Rasa, habitada, e por fim, a ilha do Boticário.” (SAINT-HILAIRE, p 370 apud TIBURI, p.21, 2008)

O rio e o encontro das águas, a Freguesia Nova e as inúmeras charqueadas a direita, de quem desce o Jacuí. O lugar de Qorpo-Santo e de meus e nossos antepassados. Lugar esse que de próspero, se tornou berço de guerra e decadência, lugar de uma história que se perdeu no tempo, mas que, assim como, a de Qorpo-Santo, aos poucos está sendo revelada. Teríamos nós, filhos de tais freguesias, sofrido e impregnado em nossos inconscientes coletivos, o estigma proveniente dos açorianos, do segredo estratégico da coroa Portuguesa, que, em sua política dos casais, prevenia aos que aqui vieram segredo e sigilo total sobre a vinda deles a essas paragens? Com o intuito de não serem, tais desbravadores, descobertos pelos espanhóis, tal prática foi comum durante décadas e creio que séculos, ou simplesmente deixado de lembrar e de contar a nossa peculiar história?

Mas muitas dessas famílias, vieram carregando consigo, uma cultura forte do além mar, pois pasmem, o pai de Qorpo - Santo, Miguel José de Campos, além de ter sido um dos cinco primeiros professores do Rio Grande do Sul e primeiro professor de Triunfo, em 1832, fundou a primeira Escola de Meninos de Triunfo e na primeira lista de alunos a irmã de Qorpo-Santo, Maria Augusta de Campos Leão e meninos das famílias Villanova e Menezes (ANEXO E), se fazem presentes, conforme registros da Câmara de Vereadores de Triunfo, vasculhados por Margarida Tiburi e que traz assinando junto ao tal feito os importantes cidadãos, Rogério Villanova e Luiz José Ribeiro Barreto, que foi Deputado da Assembleia Constituinte e Legislativa Farroupilha, Ministro da Guerra e aguerrido combatente na Batalha do Fanfa. Luiz Barreto, também, foi o fundador do Teatro União, segundo mais antigo do nosso estado, com a participação da comunidade, comprovando, que a pequena Freguesia tinha raízes culturais elevadas, logo, um berço profícuo e um solo fértil, para gerar, seres elevados e geniais.

Outra passagem que nos faz imaginar como viveu Qorpo-Santo e que Denise Espírito Santo (p.19,2003) coloca em “Notas Biográficas” é que, em 1835 “um levante popular haveria de mudar o rumo da política e da vida no sul do país” com a Revolta Farroupilha liderada por Bento Gonçalves, filho de Triunfo, uma dura e sangrenta guerra forjada pelos estancieiros rio-grandenses contra o Império, por conta da alta taxaço do charque, com a importante participação dos charqueadores do Baixo Jacuí e batalhas acirradas na então Freguesia de Triunfo. Também sabemos, que duas dessas batalhas sangrentas, se deram nessa freguesia, a Batalha do Fanfa e o Combate do Pontal, levando-nos a perceber, o cenário de tensão, em que viviam os habitantes daquele pequeno lugar. Fico curiosa em saber, diante disso, como os humanos pensavam e sentiam àqueles dias? Imagino uma criança, esperta e sensível, a viver durante longo período o terror da guerra em seu quintal. Imagino essa mesma criança, junto a sua mãe e irmãos, correndo, se escondendo de farroupilhas ou pior de saqueadores imperialistas. Amanheciam e dormiam em constante estado de guerra. Imagino, ainda, por mais natural que pareça a guerra em época de guerra, como teria se forjado um humano inteligente e culto, como Qorpo-Santo, em meio a isso tudo?

Creio haver múltiplas respostas, outras tantas, nunca saberemos, mas as evidências nos levam a crer, que de alguma forma essa irracionalidade e dor dilaceradas, que fazia parte do entorno de José Joaquim, possa ter influenciado e desencadeado sua crise de “monomania” em sua vida adulta. Mas por sua trajetória de vida, vamos ver que, além, de seu cotidiano ser repleto de tensão, dor e morte, nota-se certo poder de superação e de sublimação desse horror e dor através de suas criações. Quem sabe, tivesse ele o mesmo poder de lidar com a dor como “os gregos”, assim como Nietzsche afirma em *O nascimento da Tragédia*, quando no início da sua obra primeira, coloca: “Uma questão fundamental é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade [...] o seu cada vez mais forte *anseio de beleza*, de festas, de divertimentos, de novos cultos brotou da carência, da privação, da melancolia, da dor.” Tratando especificamente da origem da tragédia, da arte trágica assim como a cômica, diz ter a mesma brotado, da loucura dionisíaca. (NIETZSCHE, p.15,2010)

Diante da morte trágica de seu pai, morto na emboscada preparada por Moringue, ou Francisco Pedro de Abreu, mais tarde Barão do Jacuí, numa verdadeira chacina, a qual se encontrava o Coronel José Manoel Leão, que conforme o descende da família Leão, Diego de Leão Pufal, teria sido morto e atirado aos pés da esposa e filha pequena⁸ e igualmente, Francisco Leão, na charqueada 3 e 4 da família Leão, conforme mapa desenhado por Felipe Von Normann, o mesmo engenheiro que projetou o Theatro São Pedro, em Porto Alegre (ANEXO C), no Passo do Novo Triunfo, a margem direita do Jacuí, em setembro de 1839, ficando o menino José Joaquim, órfão de pai aos dez anos e a família à margem da paternidade, tendo o mesmo, que assumir junto com mãe, desde cedo, os negócios e a família. Pergunto, suportaria tamanho peso e responsabilidade por muito tempo, aquele precoce menino, que pela sua biografia ideal, nos relata suas percepções e traumas sexuais que sofrera aos três anos de idade? Quem sabe desde lá, a sua busca pela “lanterna de fogo”, que seu pai teria lhe dado quando criança, o último presente, que traz a luz e o princípio de todas as coisas de Heráclito, que está no fogo, simboliza a busca do próprio pai em si? Quanto e de que forma, tudo isso que presenciou na infância, teria refletido, diretamente em sua vida e obra? Que cenas, das mais lindas e bucólicas, as mais trágicas e violentas, teria ele vivenciado e como isso o tocou ou ficou registrado em sua mente e “qorpo”⁹? Como teria ele, elaborado a perda da infância, da adolescência e do próprio pai?

Creio diante de tais conexões, entre registros documentais e na própria obra de Qorpo-Santo, que sua infância e pré-adolescência, que no século XIX, ainda não eram pensadas, vistas e entendidas como tal, foram marcadas por um fluxo de opostos, de vida e morte, de abundância e miséria. Proveniente de família abastada e muito culta para época e lugar, coisa que não vimos ainda ser tratado, suponho que isso deva ter influenciado e muito em sua formação, em sua poética e estética pessoal. As famílias que vieram povoar essas margens trouxeram com elas, da Europa e de Portugal, um arsenal cultural evidente diante de tais estudos, isso está posto em vários inventários da época. Pois o número de livros, obras de arte, os bens arrolados, seus percursos e viagens que faziam, levam a crer que, Qorpo-Santo fazia parte de “uma possível elite econômica e social da época, no Baixo Jacuí”. Época que, mesmo em meio de guerra, começa a ser cogitada a construção, em Triunfo, do segundo teatro do RGS, ressaltando tal fato, por vir a relacionar esse fato, ao nível cultural dessa comunidade, evidenciando a

⁸ Segundo contam os descendentes de Juca Leão, o Barão do Jacuí teria assassinado a sangue frio os irmãos Leão em uma emboscada na madrugada do dia 18-09-1839. Após praticar o ato, fez questão de levar à viúva e à filha pequena de José Manuel o seu poncho todo ensanguentado, inquirindo-as se sabiam a quem pertencia, tendo depois exposto o seu cadáver. Deste ataque ainda decorreram outras mortes, além de “confiscados” animais e pertences outros da charqueada de Juca. A participação na Revolução Farroupilha da família Leão, embora não revelada nos livros que tratam da matéria, foi um tanto quanto significativa, não só em razão do acima narrado, mas também em virtude das cartas existentes no Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul (em grande parte publicadas nos seus Anais), das quais se extrai o contato direto de José Manuel de Leão com os principais líderes revolucionários, David Canabarro, Bento Gonçalves da Silva, Domingos José de Almeida, Antônio Vicente da Fontoura, Manoel Cardoso de Menezes e outros, bem assim o impacto e a revolta de sua morte dentre os seus pares. (PUFAL, 2016)

⁹ Esta e algumas outras palavras, escreverei, com as regras ortográficas sugeridas por Qorpo-Santo.

importância dessa região na construção e desenvolvimento de nosso estado, não fosse, talvez, a estigma da invisibilidade e da decadência, em meio e pós, Revolução Farroupilha. Crendo, de certa forma, estarem tais fatos, também, impregnados no imaginário de Qorpo-Santo.

Com a morte do pai, ele, a mãe e os irmãos, parecem seguir ao avesso o percurso natural da rota dos casais, saem de Triunfo, que vivia em constante estado de guerra e período de decadência e partem, em 1840, para Santo Antônio da Patrulha, onde tinham terras e bens. Consta em sua autobiografia, o seguinte: “Fui crismado pelo nosso primeiro Bispo D. Feliciano, na Vila de Santo Antônio da Patrulha em 1853 [...] Falecido meu pai em 1839, vim para esta cidade em 1840 estudar gramática nacional e aplicar-me à espécie de trabalho lucrativo que mais conviesse a mim e a minha família.” (GUILHERMINO CÉSAR, p.14,1980) Prova da responsabilidade que teve que assumir, em escritos seus, se auto declara um homem importante e bem sucedido até então.¹⁰

Sabemos, que José Joaquim preparou-se, em pouco mais de um ano, entrando para casa comercial de José Francisco dos Santos Pinto, onde após, durante os próximos quatro anos, resolve viajar a trabalho pela campanha fazendo cobranças. Em 1848, com intenção de se estabelecer em Cachoeira, se vê impossibilitado, diante da horrível enfermidade da sua única irmã. Dois anos depois, em 1850, habilita-se no Magistério Público, exercendo a profissão de professor de primeiras letras, provando até então ser um homem equilibrado, bem sucedido, lúcido e de prestígio, confirmando que, nesse mesmo ano, assina como principal testemunha no inventário de meu ancestral, José Martins Menezes (ANEXO F), estancieiro e charqueador, pertencente a possível elite do Baixo Jacuí, junto a outras pessoas idôneas da sociedade da época, entre elas, Alice Aviz de Menezes, proveniente da Dinastia de Aviz de Portugal, bem como sua mãe, a inventariante Genoveva Joaquina de Aviz. Isso denota seu padrão cultural e moral, que mais tarde parece inverter entre ambas as partes, ou seja, o até então “apolíneo”¹¹ José Joaquim Campos de Leão vira e morre como “dionisíaco”¹², o “louco da província”, na verdade uma província insana a da sua época, protetora da moral e bons costumes, estigmatizou o homem lúcido que fora Qorpo-Santo, que em 1851 adquire o grau de Mestre, lecionando até 1855, deixando seu ofício para amparar a mãe que se encontrava doente e que, supõe-se ter falecido nesse mesmo ano. Também, em 1855, casa-se com D. Inácia de Campos Leão e “curiosamente”, por procuração (ANEXO G), ela a noiva, não compareceu no próprio casamento, uma “relação (nada) natural”, que começou cheia de simbolismos inconscientes, talvez por parte dele, com a morte da mãe, eclodira seu complexo de Édipo mal resolvido, já por parte dela, fica posta e suposta a ausência de si mesma, em um dos momentos importantes na vida de uma mulher, isto deve ter deixado em Inácia, dores impostas pelo machismo e autoritarismo da época, que mais tarde vem à tona em ambos, ele sublimando a dor em escrita monomaníaca e ela em raiva pela exclusão do marido através do divórcio e consequentemente da sua interdição.

Nesse meio tempo, escreve para jornais da Província, já se queixando das primeiras perseguições, quanto as suas ideias amaldiçoadas. Em, 1853, funda junto com Francisco Polly o Colégio São João, durante o surto de cólera *morbus*. No ano seguinte, contagiado por moléstia no peito, vai morar em Alegrete, onde funda o Colégio Primário e Secundário Alegretense, deixando claro seu apreço e preocupação pela educação. Em 1862, iniciam as primeiras manifestações mentais, diagnosticada

¹⁰ Por grata recordação noto: 1º Que em 1852 - fui eleitor especial na Vila de Santo Antônio da Patrulha; 2º Que em 1860 - fui eleito vereador da Câmara Municipal da cidade de Alegrete; 3º Que em 1859 - fui nomeado subdelegado de polícia dessa mesma cidade; 4º E finalmente, que em 1857 estudante, um mês depois de iniciado na Fidelidade e Firmeza, fui honrado com o grau de Mestre. José Joaquim de Campos Ledo Qorpo-Santo Porto Alegre, julho 22 de 1876. (Podemos ver, que alguns dados e datas, não batem com outros escritos ou documentos, aqui está um dos mistérios dessa mente irreverente)

¹¹ Nietzsche, chamou de apolíneo (relativo ao deus Apolo) o princípio que representa a razão como beleza harmoniosa e comedida, organizada.

¹² Nietzsche, denominou dionisíaco (relativo ao deus Dioniso) o princípio que representa a embriaguez, o caos, a falta de medida, a paixão.

como monomania. D. Inácia solicita, então, a interdição do marido. Qorpo-Santo vai ser avaliado por dois médicos que discordam quanto ao diagnóstico final de sua insanidade mental. Aos 34 anos, acreditava estar imbuído de uma missão divina, uma crença que vinha do auto, assim como, através da transmigração das almas, afirmava se encontrar com Napoleão III e se comparava com Jesus Cristo. Denise Espírito Santo diz que Qorpo-Santo é o Arthur Bispo do Rosário do teatro e que na verdade sua mente dada como inferior, não passa de uma mente genial. Em 1863, é eleito, um procurador para receber os vencimentos de Qorpo-Santo, época em que foi vítima de atos violentos, voltando à então Vila de Triunfo, como o bom filho que para casa retorna, em busca, quem sabe, de paz, em busca de si, da sua lanterna de fogo, da infância perdida, da casa, da rua, da cidade, da identidade, do seu lugar e de suas raízes e assim começar a tecer seus fios e suas teias escritas em seu solo sagrado, da sua obra genial e única, que ficaria eternizada como ele próprio e de certa forma, previra. Trazido por outras águas, certamente, não as mesmas que o levaram, rumo à rota dos casais e à vida. O mesmo rio que o conduziu correnteza a fora, o trouxe em caminho oposto, como se o embalasse, quem sabe, em gôndolas elegantes de volta ao lar, para que tomasse um fôlego de tudo o que se tornara vítima e dali comesse a escrever sua obra enciclopédica, que para mim, está longe da insanidade e, sim, se apresenta como obra de arte pura e da “irracionalidade” em que se forjam as grandes obras primas, a arte e o artista, princípio este, do “trágico dionisíaco” dos gregos, tão bem defendido por Nietzsche em o Nascimento da Tragédia. É nas águas desse rio que nunca é o mesmo, segundo Heráclito, que se deu o movimento vivo e latente da obra qorposantense. Descrito em sua própria biografia, quando diz: “Foi exatamente quando começaram tais atos violentos que eu comecei também a tomar notas para nesta data escrever a Enciclopédia.” (GUILHERMINO, p.16,1980)

Em 1864, sai o primeiro relatório oficial sobre os distúrbios mentais que supostamente sofria. Em janeiro do ano seguinte, mais uma trágica perda, morre sua filha Décia Maria de Campos Leão. Já separado, em 1866, Qorpo-Santo, toma ciência de que suas filhas Idalina, Lydia e Plínia, viviam sob a guarda da mãe na Vila de São Jerônimo, em companhia de irmãos menores (DENISE E.S, p.24,2003) É nessa fase de sua vida que, justamente é tomado por um surto compulsivo pela escrita de suas comédias, algumas com pitadas de tragédia. Teria sido a dor, da perda da filha e a interdição judicial movida pela esposa D. Inácia, somatizadas as outras dores de sua vida, a desencadear tal surto de “irracionalidade” criativa e criadora, onde o próprio, quase que em estado catártico se encarna em sua própria obra e se funde e confunde com seus próprios personagens e sua história, como que, para expurgar sua dor? Culminando nesse momento o nascimento do dramaturgo, do artista excepcional rio-grandense, nascido em Triunfo a margem do Jacuí, que como nos coloca Guilhermino César, que, “acomodava-se entre os extremos - realidade e ficção, lucidez e loucura, pondo a serviço da ação uma extraordinária capacidade inventiva.” Fruto de uma mente febril, que trabalhou sem pausa e que criou uma obra teatral imprevista, intempestiva, criativa e cheia de originalidade, comparando-se a Jarry, Ionesco, um dos inventores do Teatro do Absurdo e outros geniais criadores extemporâneos.

Em 1867 a 1871, redige respectivamente em Alegrete e na Província de São Pedro, o Jornal a Justiça. Nesse ínterim, o médico Carlos Benjamin Petrasi declarou Qorpo-Santo no gozo perfeito de suas faculdades mentais. Mesmo assim, o lúcido Joaquim José Campos de Leão, não foi aceito com tal pelos cães¹³ provincianos. Em maio 1868, vai par o Rio de Janeiro e interna-se no hospício de Pedro II, em busca de sua própria lucidez e de lá vem apto a gozar de seu livre arbítrio atestado pelo Dr. João Vicente Torres Homem e que, em seu relatório coloca o quão nocivo era sim, o julgamento ao qual padecia e o quanto seu afastamento do trabalho, da família e posse de seus bens e a privação de sua plena liberdade o tornava em pior estado emocional e afetava sua sanidade mental. Mas, nem assim, o

¹³No livro *Cães da Província*, obra de Luís Antônio de Assis Brasil a denúncia é feita constantemente, mostrando a mediocridade de espírito da sociedade que é, facilmente, igualada a um cão, os cães da província. Isto porque essa população é, realmente, domada e obediente às normas e costumes impostos pela época. (1988)

escárnio social da Província e os “cães” dela habitantes, dispensaram seus preconceitos, chacotas e o rótulo de louco que impunham ao excêntrico Qorpo-Santo.

Em 1877, excluído totalmente do círculo social da Província de São Pedro do Sul, como o “louco do guaíba”, abre sua própria tipografia, preparando os nove volumes para publicação da sua obra *Enciclopédia ou Seis Meses de Uma Enfermidade*, onde consta no Volume 2 a sua obra prima “EU SOU VIDA, EU NÃO SOU MORTE” (ANEXO H). A então Província, um universo louco e doentio, que ocultava os crimes da Rua do Arvoredo, das gentes esquadrejadas por um casal de açougueiros, que usavam a carne humana para fazer linguças e vende-las a toda gente, não se dava conta que o motivo de censura e chacota era ela e não a lucidez absurda de Qorpo-Santo, que viera para se eternizar com sua obra¹⁴ e encher de orgulho Triunfo, o RGS e o Brasil.

Mas o menino, nascido na casa número 70, (que ainda resiste as intempéries e descaso) da rua Demétrio Ribeiro, em Triunfo/RS, tem assinatura de caligrafia firme e equilibrada, fotos em pose altiva e saudável (ANEXO I), que comprovadamente veio de berço cultural forte, de família nobre para época e local, com ancestralidade, genealogia e raízes profundas (ANEXO J), não está mais velado, tem procedência, tem identidade e é um súdito brasileiro, dentre tantas citações de Guilhermino César, o Sr. José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo, “descrito pelo Exmo. Sr. Conselheiro Chefe de Polícia, na Secretaria da Polícia da Corte em 16 de junho de 1868, natural do Rio Grande do Sul, aos 39 anos, casado, professor público, estatura regular, rosto comprido, cabelos castanhos, olhos azuis, cor branca, barba bastante: o qual segue para a Província do Rio Grande do Sul”, tinha família, pai e tinha mãe (ANEXO K). Esse sr, o tal Qorpo-Santo, se tornou um excêntrico, que vivia com seu escravo alforriado, “ora um, ora outro”, o tal Inesperto, tão bem romanceado por Assis Brasil em *Cães da Província*, numa casa, na atual rua da Ladeira em Porto Alegre, onde entrava por uma das janelas, em uma escada que o conduzia para seu último lar, de forma estranha, que para muitos até então, era quase “sem eira nem beira”, ou quem sabe um filho da macega, que sim, teve um solitário fim.

Longe de sua família, da esposa de quem se divorciou em nome da dignidade, da carne e dos corpos aos quais não podia manter “As relações Naturais”, contrai a doença dos românticos, de quem ama demais e sofre de amor, adoecendo o órgão que corresponde à tristeza, o pulmão. Vindo a falecer, em 1º de maio de 1883, de tuberculose, na idade de 54 anos, deixando como herdeiros, a mulher, D. Inácia Maria de Campos Leão; as filhas, Idalina, Lydia, Plínia, o filho, Tales e os genros, Albino Monteiro casado com Lydia e José Rousselet Filho com Plínia, com muitos inventariados, ao qual, me aproximei o bastante para observar e descobrir, que uma de suas casas, seu primeiro bem arrolado, pertenceu a minha tetravó materna, Senhorinha Cardoso de Menezes. Isso vem provar, mais uma vez, a proximidade das famílias que faziam parte da elite do Baixo Jacuí e o quanto de alguma forma, estão enredadas e implicadas, nessa história entre conterrâneos.

- O Bem Maior:

Mas, realmente, não é isto que importa, pois dentre seus bens, o MAIOR, foi justamente aquele que não foi arrolado, a sua obra escrita, única, inusitada, criativa, fundamentada, inspirada, pirada, surreal, cômica, trágica... infinita... genial, que trata de filosofia, política, poesia, aforismos, trava-línguas, charadas, dramaturgia, jornalismo, medicina, de vida, vida sexual, vida homossexual, de corrupção na

¹⁴Sua obra trata dos mais diversos e existenciais conceitos e temas, através de poemas, poesias, charadas, matérias jornalísticas e da dramaturgia de suas comédias, algumas “que mais parecem tragédia” e que foram escritas compulsivamente em seis meses, tais como suas peças de teatro. São as seguintes e datam de: Fevereiro de 1866, dia 12 – A Impossibilidade da Santificação ou A Santificação Transformada; dia 16 - O Marinheiro Escritor; dia 24 - Dous Irmãos. Maio de 1866, dia 5 - Duas Páginas em Branco; dia 12 - Mateus e Mateusa; dia 14 - As Relações Naturais; dia 15 - Hoje Sou Um; e Amanhã Outro; dia 16 - Eu Sou Vida; Eu Não Sou Morte; dia 18 - A Separação de Dois Esposos; dia 24 - O Marido Estremoso ou O Pai Cuidadoso; dias 26/27 - Um Credor da Fazenda Nacional. Junho de 1866, dia 6 - Um Assovio; dia 10 - Certa Entidade em Busca de Outra; dia 10 - Lanterna de Fogo e dia 16 - Um Parto. Dos nove livros da Enciclopédia de QS, dois ainda, encontram-se desaparecidos.

vida, de assédio e violência contra as mulheres, de amor na velhice, de abandono e problemas existenciais, demasiadamente humanos...

E, o MAIOR ato, democrático e de generosidade, deixar escrito, ao fechar sua obra, sem fechar, que fizéssemos dela o que melhor nos conviesse!

Aproveito para ressaltar aqui, que no ano de sua morte ocorreu o nascimento de Zaratustra, o “super-homem” de Nietzsche e gosto de pensar que foi para sinalizar um novo tempo para a humanidade e preencher o vazio que Qorpo-Santo deixaria por cem anos até a redescoberta de sua obra dramática a partir 1966 e sua redescoberta, por Aníbal Damasceno, por Antônio Carlos Sena, por alunos do DAD/UFRGS, por Guilhermino César, por Eudinyr Fraga, por Flávio Aguiar, por Denise Espírito Santo e por muitos/as outros/as, que vieram e virão desvelar e revelar, a verdadeira história desse ser humano ímpar e dar visibilidade ao até então invisível, dar a ele, o que é dele, dar a José, o que é de José, dar “qorpo a seu qorpo”, dar sua vida e não a sua morte, em fim, dar o triunfo a quem merece triunfo, definitivamente: “O TRYUMPHO DE QORPO-SANTO!”

ANEXOS

A- BATISMO DE JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO

B- REGISTRO DAS TERRAS DO AVÔ DE QORPO-SANTO

C- MAPA “O DO RIO DE JACUHY” OU DAS CHARQUEADAS

D- BENS ARROLADOS NOS INVENTÁRIOS DE SENHORINHA E QORPO-SANTO

E- REGISTRO DA PRIMEIRA ESCOLA DE MENINOS DE TRIUNFO

F- INVENTÁRIO AVIZ DE MENEZES ASSINATURA DE QORPO – SANTO

G- CERTIDÃO DE CASAMENTO DE INÁCIA E JOAQUIM JOSÉ

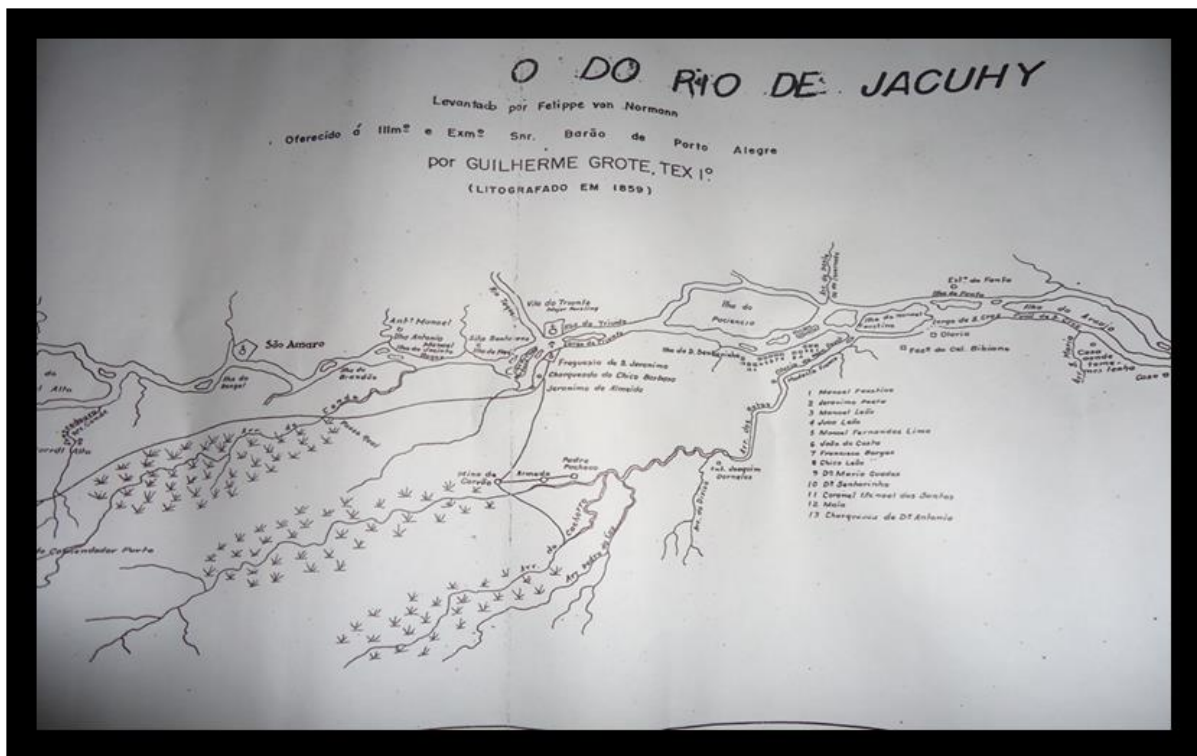
H- FOTOS ENCICLOPÉDIA “EU SOU VIDA, EU NÃO SOU MORTE”

I- FOTO CASA EM TRIUNFO, FOTOS E ASSINATURA DE JOSÉ JOAQUIM

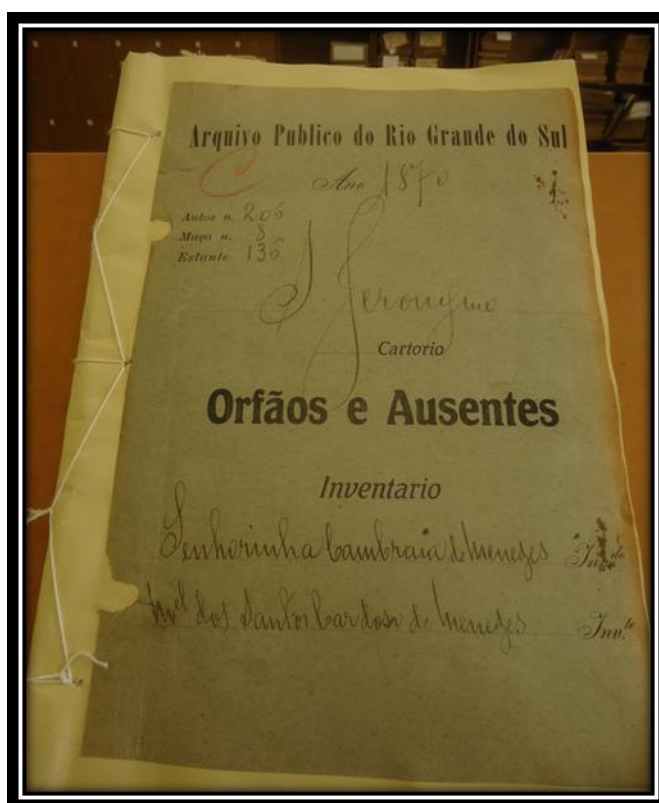
J- ÁRVORE GENEALÓGICA DE JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO

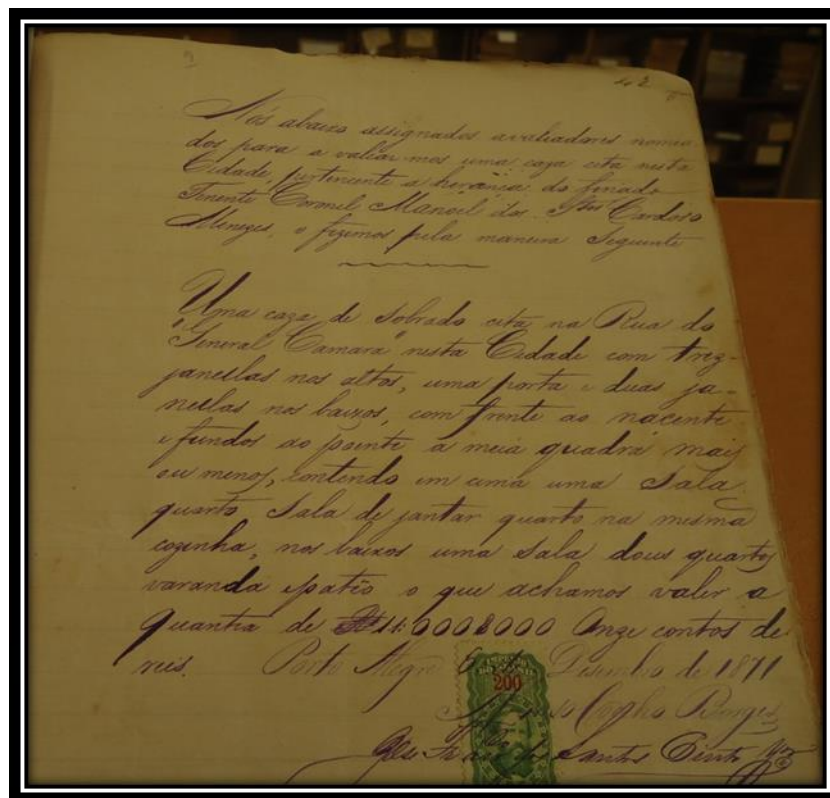
K- CERTIDÃO CASAMENTO PAIS DE JOSÉ JOAQUIM

A- BATISMO DE JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO

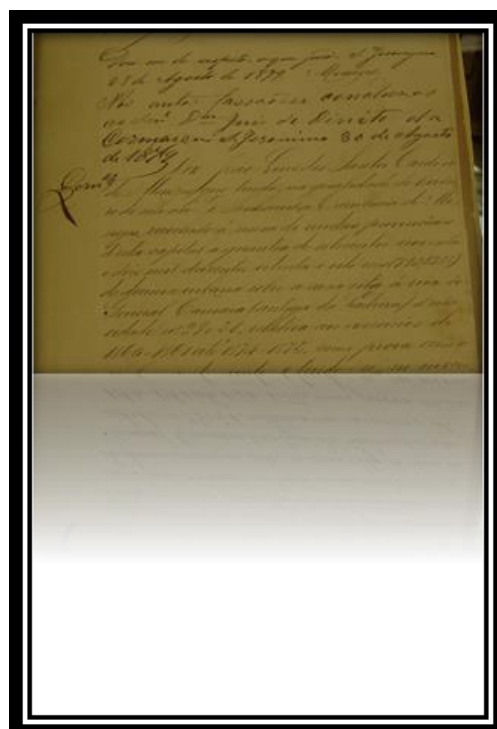


D- INVENTÁRIOS CASA PORTO ALEGRE QORPO-SANTO E SENHORINHA








DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO DOS BENS	
<i>Bens de raiz:</i>	
1	<p> casa de porta e janela sita à rua do General Câmara nº 29 com 40 palmos, e sete polegadas de frente e fundos ao Banco da Província, contendo apenas uma sala e um quarto. Avaliada..... 1:600.000\$000 (um conto e 600 mil réis). </p>




E- REGISTRO DA PRIMEIRA ESCOLA DE MENINOS DE TRIUNFO

Copia do livro manual de meninos da escola par-
 ticular de Alagoinha para de Campos
 José Martins de Almeida, seu mestre de escola
 Gerardo Antonio Bernardino, 1º de
 Bernardo Lima Barbosa
 Manoel Lima da Silva
 Joaquim dos Santos
 José Antônio da Silva
 Sebastião Barbosa de Almeida 1º de
 José Xavier Lima Silva 1º de
 José Joaquim Lima Silva 1º de
 Sebastião José Lima Silva
 Frederico de Almeida Lima Silva 1º de
 Manoel Manoel Augusto de Campos
 Escola de Triunfo 11 de Janeiro de 1873
 Alagoinha para de Campos
 Toda conferida
 e Secretária Manoel 

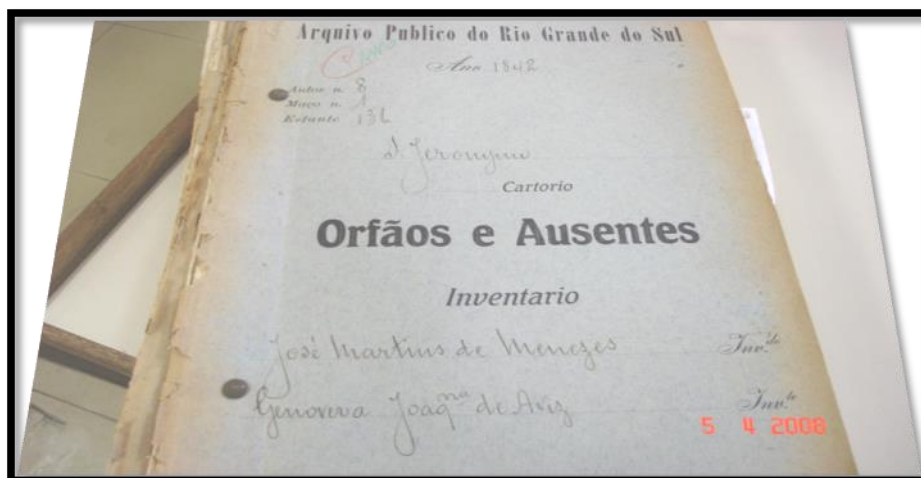
e logo se fez o livro manual de meninos da escola par-
 ticular de Triunfo para de Campos
 José Martins de Almeida, seu mestre de escola
 Gerardo Antonio Bernardino, 1º de
 Bernardo Lima Barbosa
 Manoel Lima da Silva
 Joaquim dos Santos
 José Antônio da Silva
 Sebastião Barbosa de Almeida 1º de
 José Xavier Lima Silva 1º de
 José Joaquim Lima Silva 1º de
 Sebastião José Lima Silva
 Frederico de Almeida Lima Silva 1º de
 Manoel Manoel Augusto de Campos
 Escola de Triunfo 11 de Janeiro de 1873
 Alagoinha para de Campos
 Toda conferida
 e Secretária Manoel 

Copia do livro manual de meninos da escola par-
 ticular de Alagoinha para de Campos
 José Martins de Almeida, seu mestre de escola
 Gerardo Antonio Bernardino, 1º de
 Bernardo Lima Barbosa
 Manoel Lima da Silva
 Joaquim dos Santos
 José Antônio da Silva
 Sebastião Barbosa de Almeida 1º de
 José Xavier Lima Silva 1º de
 José Joaquim Lima Silva 1º de
 Sebastião José Lima Silva
 Frederico de Almeida Lima Silva 1º de
 Manoel Manoel Augusto de Campos
 Escola de Triunfo 11 de Janeiro de 1873
 Alagoinha para de Campos
 Toda conferida
 e Secretária Manoel 

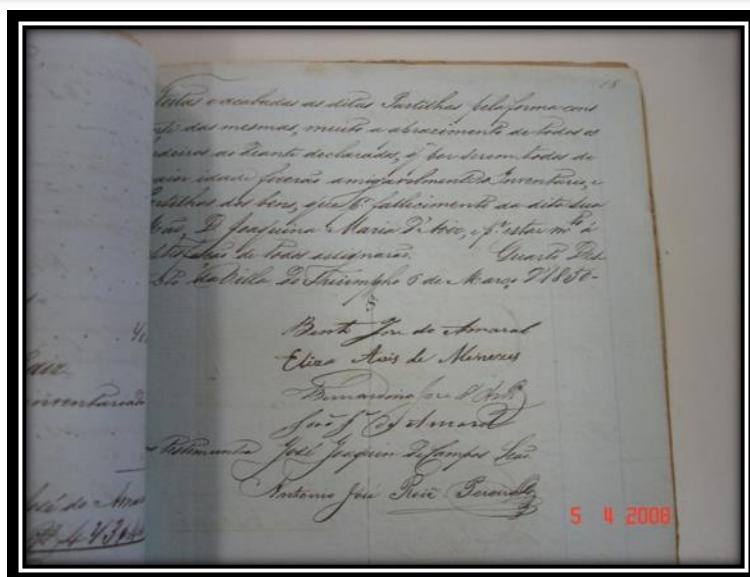
194-2
 Copia Relação nominal dos membros da Junta par-
 ticular de Miguel José de Campos
 José Martins de Moraes. em carta de nomeação
 Geraldo Antonio Bernardes. do do
 Bernardo Vieira Barbosa.
 Manoel Soares da Silva
 Joaquim José Gomes.
 José Cardoso da Silva.
 Theobaldo Machado Reis. do do
 José Xavier Villa Nova. do do
 José Joaquim Villa Nova. do do
 Theobaldo José Villa Nova.
 Frederico Soutinho Villa Nova. do do
 Mariana Maria Augusta de Campos.
 Junta de Trunfo 11 de Janeiro de 1832
 Miguel José de Campos
 Esta conferiu
 o Secretário Manoel 

de ampliação necessitada. De F. de V. C. Villa
 de Trunfo em sessões de 13 de Novembro de
 1832.
 H. Co. J. Presidente da Província em con-
 selho.
 Luciano Antunes da Cunha. Sec.
 André de Albuquerque. Municipal de 2.ª
 José Manoel de Lins
 Ricardo Villa Nova
 Antônio Pires de Lins
 Luís Alves Ribeiro Pires
 Antônio Pires de Lins.

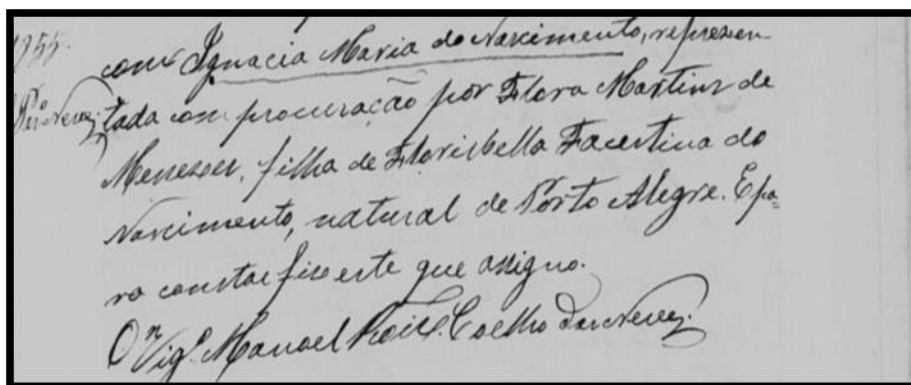
F- INVENTÁRIO AVIZ DE MENEZES ASSINATURA DE QORPO – SANTO



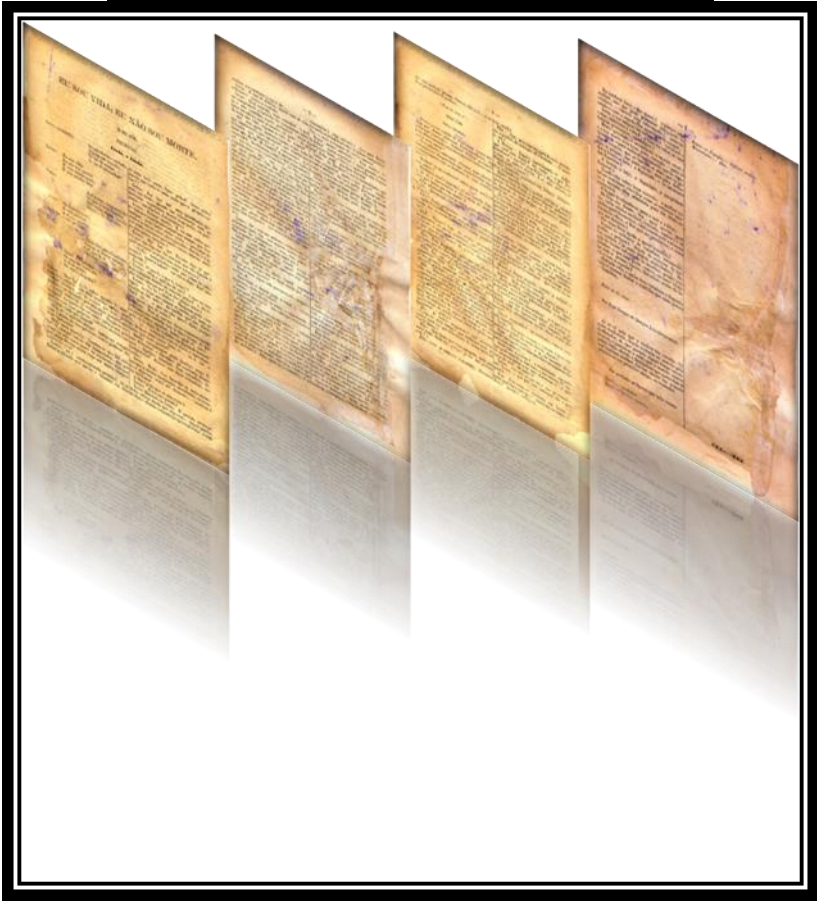
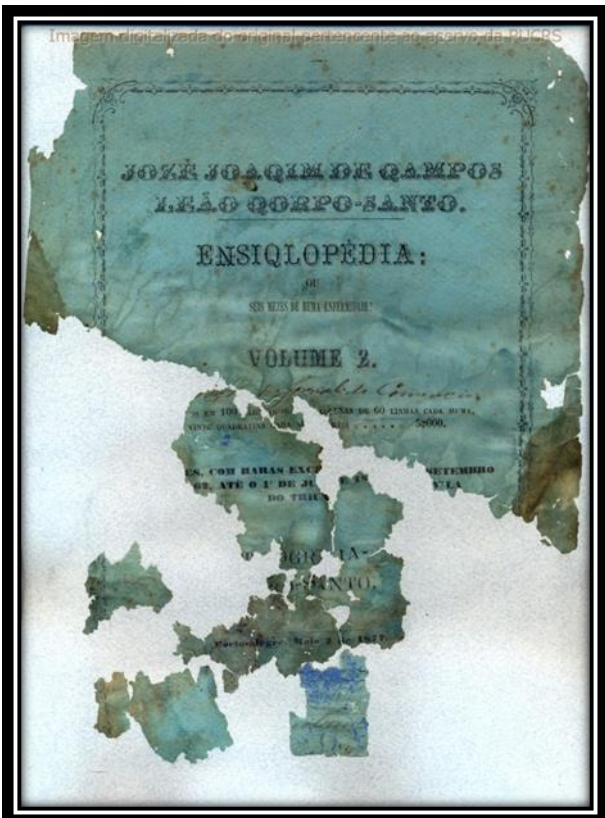
Inventário 1842 n.º 8, maço 1, estante 136
Partes José Martins Menezes inventariado e Genoveva Joaquina de Aviz inventariante
São Jerônimo- Orfãos e ausentes
Em 1850, no quarto distrito de Triunfo, assina como testemunha do inventário José Joaquim de Campos Leão junto com os herdeiros.



G- CERTIDÃO DE CASAMENTO DE INÁCIA E JOAQUIM JOSÉ



H- FOTOS ENCICLOPÉDIA “EU SOU VIDA, EU NÃO SOU MORTE”



I- FOTOS DA CASA EM TRIUNFO, FOTOS DE QORPO SANTO E ASSINATURA DE JOSÉ JOAQUIM



J- ÁRVORE GENEALÓGICA DE JOSÉ JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO

GENEALOGIA QORPO - SANTO

Alexandre José de Campos = paternos <AVÓS> maternos = Fransisco Leão Machado

Fransisca Clara Luíza

Maria Joana Nascimento

Miguel José de Campos (pai) + Joaquina Maria Leão (mãe)

José Joaquim de Campos Leão Qorpo Santo + **Inácia** de Campos Leão

Lídia Marfisa de Campos Leão Monteiro (filha)

Idalina Monteiro de Freitas Lima (neta)

Henrique de Freitas Lima Filho (bisneto)

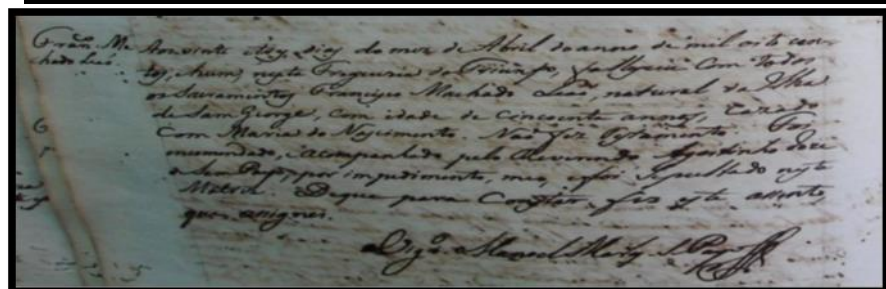
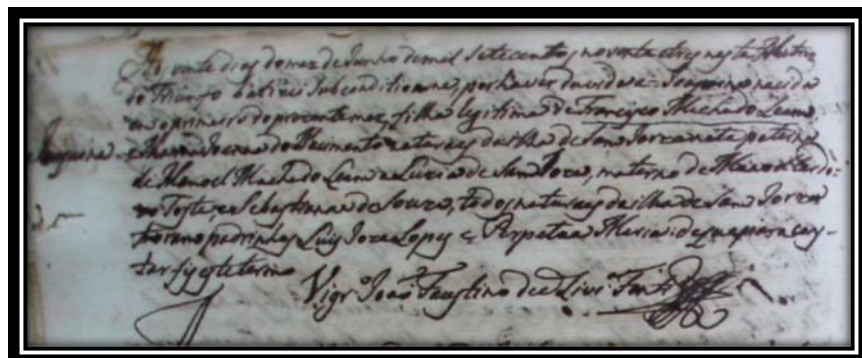
Eloah Lima Ventura (trineta)

Walkyria (tetraneta)

Aloma (pentaneta)

Agatha (hexaneta)

L- CERTIDÃO CASAMENTO PAIS DE JOSÉ JOAQUIM



Considerações Finais:

Encerro, com orgulho, minha participação neste livro idealizado por nosso inspirador amigo Antonio Soares. Agradeço de maneira muito especial a trineta de Qorpo-Santo, Eloah de Freitas Lima Ventura que nos trouxe com detalhes um histórico de família, bem como, às minhas amigas “Marias” pesquisadoras, por gentilmente nos deixarem seus textos repletos de detalhes sobre a vida e obra do nosso personagem Qorpo-Santo.

Juntamente com os demais colegas escritores, espero ter contribuído para deixar registrado, informações de relevância sobre o nosso professor, diretor, vereador, sub delegado, comerciante, escritor e dramaturgo José Joaquim de Campos Leão, um ser repleto de energia, inspiração e vocação por ensinar. Um homem genuíno que nos deixou uma Enciclopédia como um legado e que nos orgulha e, é alvo de estudo acadêmico em todo o mundo.

A poesia que deixo como homenagem ao nosso ilustre personagem veio em momento muito especial de minha inspiração.

Santo Corpo... Qorpo-Santo

Nas velas do casario da aldeia...
Um metro e oitenta milhões de células
Traídas, revoltadas, sofridas...
O cosmos, o futuro... Uma luz de candeia.

Dotes despertam cobiça
Algozes decretam sentença
“Louco” é a premissa.
Para afastar sua presença.

Refugiado em seu “qorpo-santo”
Escreveu livros..., jornais
Seu pensamento taxado absurdo
Criou inúmeras, inéditas peças teatrais.

Sua retórica considerada insana
Seu corpo, sua mente, sua alma...
Tombam, para cumprir a profecia.
“Louco, sem eira nem beira.”

À luz dos modernos tempos
Homenagem a seus talentos
Privilegiado por seus frutos
Triunfo lhe rende tributos.

Vencedora do Festival de Poesias Reinaldo Leal – Triunfo 2007.

*Odila Lourdes Rubin de Vasconcelos.